



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Yuri Carneiro Lorscheider

**1938: Futebol, Identidade nacional e a crônica esportiva no jornal “A Gazeta”**

Florianópolis  
2022

Yuri Carneiro Lorscheider

**1938: Futebol, Identidade nacional e a crônica esportiva no jornal “A Gazeta”**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a): Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte  
Coorientador (a) (se houver): Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da  
Biblioteca Universitária da UFSC.

Lorscheider, Yuri Carneiro  
1938 : Futebol, Identidade nacional e a crônica  
esportiva no jornal "A Gazeta" / Yuri Carneiro Lorscheider ;  
orientador, Adriano Luiz Duarte, coorientador, Gerson  
Wasen Fraga, 2022.  
48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. Futebol. 3. Sociedade. 4. Identidade. I.  
Luiz Duarte, Adriano. II. Wasen Fraga, Gerson. III.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História.  
IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Yuri Carneiro Lorscheider ,matricula n.º18250048, entregou a versão final de seu TCC cujo título é 1938: Futebol, Identidade nacional e a crônica esportiva no jornal “A Gazeta”, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 22 de dezembro de 2022.

---

Orientador(a)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ATA DE DEFESA DE TCC**

Aos quinze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e dois, às dezesseis horas por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Adriano Luiz Duarte, Orientador e Presidente, pelo Professor Gerson Wasen Fraga, Titular da Banca, e pelo Professor Rodrigo Sartori Bogo, Suplente, designados pela Portaria nº 43/2022/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Yuri Carneiro Lorscheider**, subordinado ao título: **“1938: Futebol, Identidade nacional e a crônica esportiva no jornal ‘A Gazeta’”**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Adriano Luiz Duarte a nota final 8,0, do Professor Gerson Wasen Fraga a nota final 8,0 e do Professor Rodrigo Sartori Bogo a nota final 8,0; sendo aprovado(a) com a nota final 8,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia vinte e dois de dezembro de dois mil e vinte e dois. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 15 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Adriano Luiz Duarte



Documento assinado digitalmente

Adriano Luiz Duarte

Data: 15/12/2022 17:51:40-0300

CPF: \*\*\*.451.088-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Gerson Wasen Fraga

Prof. Rodrigo Sartori Bogo



Documento assinado digitalmente

RODRIGO SARTORI BOGO

Data: 16/12/2022 09:55:48-0300

CPF: \*\*\*.711.449-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Candidato Yuri Carneiro Lorscheider



Documento assinado digitalmente

YURI CARNEIRO LORSCHIEDER

Data: 16/12/2022 16:43:26-0300

CPF: \*\*\*.844.000-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

## **AGRADECIMENTOS**

Acredito que uma das partes mais difíceis deste trabalho foi redigir os agradecimentos. Foram muitas pessoas que fizeram parte desse processo e que me ajudaram nessa caminhada, espero não esquecer de ninguém. Caso aconteça, falha completa do redator deste texto.

Primeiramente gostaria de agradecer àqueles que sempre estiveram do meu lado e me apoiaram em todas as minhas decisões. Dona Cláudia, mãe, muito obrigado. Por tudo. Não é fácil cuidar de dois filhos sendo uma trabalhadora humilde que atua na área da limpeza. Minha vitória é sua vitória. Por cada chão que a senhora limpou ao longo desses anos pensando em um futuro melhor para seus filhos. Sou e serei eternamente grato por todos os ensinamentos. Agradeço ao meu irmão Yago por ser meu melhor amigo nessa vida e também por estar sempre ao meu lado me apoiando. Toda minha luta diária é por vocês. Não seria nada sem vocês. Um agradecimento à minha tia que foi responsável por pagar meus estudos quando meus pais não tinham condições. Meu mais sincero agradecimento. Ao meu pai vai meu abraço. Apesar dos pesares, sempre será meu pai.

Agradeço também a minha companheira Karine por me aturar e apoiar nesses dias difíceis os quais tive que mediar entre a vida de graduando e a vida de docente. A vida foi bela em me trazer um presente tão lindo, meu singelo agradecimento.

Um abraço especial para os professores Adriano Luiz Duarte e Gerson Wasen Fraga que aceitaram o convite de me orientar nessa jornada que, apesar dos espinhos e do cansaço, foi gratificante. Obrigado, Adriano, por me ensinar a enxergar a História e a Literatura de uma forma que jamais imaginei. O senhor é um exemplo de docência a ser seguido. Meu agradecimento também ao professor Gerson. Sempre atencioso e preocupado com o desenrolar da situação. Quem diria, um corinthiano e um gremista ajudaram um colorado em sua pesquisa sobre Futebol. Meu honesto agradecimento.

Um abraço aos companheiros de estudo que fiz ao longo desses anos no IELA, a gurizada do NEHAL (Núcleo de Estudos Históricos da América Latina) e também do OLA (Observatório Latino-americano) que tiveram uma relevância absurda na construção do meu conhecimento e também me ensinaram a pensar América de uma forma bem singular. Um abraço ao professor Waldir Rampinelli que lá em 2016, quando eu ainda era aluno da Geografia, me convidou para fazer parte de seu grupo de estudos.

Aos meus alunos que desde 2018, ano que iniciei minha trajetória docente nos cursinhos pré-vestibulares populares, me transformaram em um ser muito melhor. Acreditem, nós docentes aprendemos muito mais com vocês do que ensinamos nas aulas.

Aos meus camaradas de Manchester Uneistein pela parceria futebolística. Um abraço especial para os companheiros João e Bogo. Amigos de vida. Aos meus amigos Pedro e Japa, valeu por toda parceria. Sempre juntos, até o fim.

E por fim, mas não menos importante, um singelo gracias ao historiador Eric Hobsbawm, antigo torcedor do Arsenal, responsável por fazer eu me apaixonar perdidamente pela História. Companheiro de insônia, entramos algumas madrugadas escutando Miles Davis no quarto e discutindo por conta de seus escritos. Aprendi e aprendo com o senhor diariamente. Foi ele também o responsável por me mostrar o futebol a partir de uma perspectiva histórica a qual jamais pensei que existisse. Um outro agradecimento em especial ao Eduardo Galeano, pois foi graças ao seu curto livro de crônicas “Futebol ao sol e à sombra” que despertou meu interesse em estudar como o futebol representava a identidade de um povo.

Dias de luta e dias de glória.

*“A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação” (HOBSBAWM, Nações e Nacionalismo, p. 171, 2004)*

## RESUMO

O seguinte trabalho é resultado de uma pesquisa histórica que buscou relacionar assuntos relevantes e que já foram alvo de extensos debates historiográficos: identidade nacional e sua relação com a imprensa. Sabemos que a crônica esportiva ganhou cada vez mais espaço nas mídias impressas no início do século XX. Este trabalho buscou retratar a importância dos jornais na difusão do futebol pelo Brasil. A pergunta que moveu a pesquisa foi: quando o Brasil tornou-se o “país do futebol”? Ancorando-se nos estudos de Eric Hobsbawm e Benedict Anderson, a pesquisa aponta que essa tradição inventada foi parte de um projeto político durante o governo de Getúlio Vargas no Estado Novo, quando este buscava imaginar uma comunidade, criar um rosto para o Brasil. A prova viva disso foi a Copa do Mundo de 1938. O projeto varguista ancorou-se em um intelectual que ganhava cada vez mais espaço na escrita da história do Brasil. O conceito de “Democracia racial” foi desenvolvido por Gilberto Freyre e a ideia de harmonia entre as raças vocalizada ainda mais pelo jornalista Mário Filho no seu clássico *O negro no futebol brasileiro*. A pesquisa também percorreu a trajetória da seleção brasileira no torneio mundial de futebol de 1938, último grande evento esportivo antes da eclosão da II Guerra Mundial. A mesma utilizou como fonte o jornal de Florianópolis intitulado “A Gazeta”, além de apontar também que as ideias de sociedade imaginadas pelo Estado varguista encontravam espaço nas colunas esportivas do jornal catarinense escritas por Osmar Cunha.

**Palavras-chave:** Futebol, Sociedade, Identidade

## ABSTRACT

The following monograph is the result of a historical research which tried to relate relevant matters that have already been the subject of extense historiographic debates: national identity and its relation with the press. We know that the sports chronicle earned more and more space into press media in the beginnining of the 20th century. The present study intended to illustrate the importance of newspapers in the dissemination of football in Brazil. The question that moved this research was: When has Brazil become the "country of football"? Anchoring in the studies of Eric Hobsbawn and Benedict Anderson, the research points out that this made up tradition was part of a political project during the government of Getúlio Vargas in the Estado Novo regime, when he wished to imagine a community, to create a face for Brazil. The living proof of that was the 1938 World Cup. The Vargas project anchored in an intellectual that continuously earned space in writing the history of Brazil. The concept of "racial democracy" was developed by Gilberto Freyre and the idea of harmony among races was voiced even further by the journalist Mário Filho in his classic *O negro no futebol brasileiro*. The research also went through the trajectory of the Brazilian national team in the 1938 World Cup, which was the last big sports event before the outbreak of World War II. The newspaper from Florianópolis named "A Gazeta" was used as source and also responsible for pointing out that the ideas of society imagined by the Vargas State had found space in the sports columns written by Osmar Cunha.

**Keywords:** Football, Society and Identity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
1.1. AS TRANSFORMAÇÕES DO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX	21
1.2 A DIFUSÃO DO FUTEBOL NOS GRANDES CENTROS URBANOS: CHARLES MILLER NÃO É O PAI DO FUTEBOL BRASILEIRO	23
1.3. COMO A IMPRENSA ADOTA O FUTEBOL COMO SÍMBOLO NACIONAL?	32
<b>2. O CAMINHO VEXAMINOSO ATÉ A COPA DE 1938</b>	<b>35</b>
2.1 A INSERÇÃO DE ATLETAS NEGROS NO FUTEBOL BRASILEIRO E A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO DE GILBERTO FREYRE	40
2.2 COPA DE 1938: O ESCRETE QUE TINHA ROSTO DE BRASIL	45
2.3 A COPA DE 1938 ATRAVÉS DO JORNAL "A GAZETA"	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

O ano era 1938. O selecionado brasileiro pela primeira vez alçava um sucesso internacional devido à sua atuação em campo. Entre os dias 5 e 19 do sexto mês, a seleção comandada por Domingos da Guia -pai de Ademir-, Romeu e Leônidas da Silva, chegou ao terceiro lugar na principal competição internacional envolvendo o esporte entre seleções. Em território francês os atletas tupiniquins marcaram a história, era o melhor desempenho da seleção nacional na história dos torneios mundiais de futebol. O resultado de 1938 era antagônico comparado aos trajetos percorridos nos torneios de 1930 e 1934. Mas por que esse torneio é especial para o Brasil? 1938 foi um ano decisivo na invenção da tradição do Brasil como “país do futebol”, Vargas tinha a preocupação de criar uma imagem de Brasil idílico, harmonioso, sem conflitos, era hora de formular uma identidade do brasileiro. E qual foi o meio encontrado? O futebol.

A seguinte pesquisa tem como objetivo empreender um estudo sobre a difusão do futebol em território nacional na passagem do século XIX para o século XX, a questão da formação de uma identidade nacional e o papel da crônica esportiva nessa formulação de brasileiro. Ou seja, traçar um fio condutor que vincule a ideia de nação sendo construída pelo governo do Estado Novo - período da ditadura varguista vigente entre 1937 até 1945 - e o futebol como grande representante da identidade nacional, esse esporte inglês que aqui foi construído como face representativa do povo brasileiro. A ideia de trabalhar identidade nacional, imprensa e futebol surgiu quando me deparei, ao ler o clássico *O negro no futebol brasileiro* (2010) -texto já referente à edição da década de 1960, com alterações em sua estrutura original- com um prefácio redigido por ninguém menos que Gilberto Freyre. É de suma relevância destacar que o livro de Mário Filho (2010) foi escrito em um momento posterior à obra *Casa Grande & Senzala* (FREYRE, 1964), texto fundamental para se enxergar o Brasil em um momento novo no qual o país vivia. A abolição da escravidão e a proclamação da República ocorreu há pouco mais de meio século, era algo recente ainda no imaginário coletivo. Não apenas o novo momento da história do país, mas da própria historiografia. Freyre, diferente de seus antecessores, buscou enxergar na questão das “raças” que compõem esse país de forma positiva; ou seja, a “mestiçagem” como um elemento para se ter orgulho, algo sui generis do Brasil. Autores como Paulo Prado enxergavam o país de uma forma antagônica, a “mistura das raças” como causa do atraso e subdesenvolvimento do país.

O futebol começou a difundir-se pelas grandes capitais do Brasil desde meados do século XIX, e é impossível dissociar esse fato com a presença inglesa em solo nacional desde

a vinda da família real para o Brasil no início do século supracitado. O trabalho de Gilmar Mascarenhas (2014) nos ensinou que não se pode entender a rapidez do crescimento do futebol sem compreender o expansionismo do imperialismo britânico - a famosa Commonwealth-. O mesmo autor afirma que era quase uma obrigação do inglês que saía de sua terra natal saber jogar futebol.

Ao ler o breve prefácio de Freyre, é sensível aos olhos como que a ideia de uma sociedade harmoniosa, a chamada “Democracia racial”, está presente a cada linha elaborada pelo sociólogo pernambucano. Quando tentei entender melhor a relação entre ambos, descobri que Freyre era grande amigo de Mário Filho. E que o jornalista - um dos inventores da imprensa esportiva que conhecemos hoje - buscou escrever uma obra como fundamento sociológico. Muitos intelectuais colocam o livro “*O negro no futebol brasileiro*” na mesma estante das obras clássicas da formação brasileira como *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (2014); *Os Donos do Poder*, de Raymundo Faoro (2001); e, claro, *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (1964). Há uma passagem no prefácio à 4ª edição do livro, escrito por Luís Fernandes - professor de Ciência Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)-, que elucida a importância da obra do cronista:

O rigor investigativo, a erudição e a riqueza de informações que marcam a pesquisa do cronista sobre o período formativo do nosso futebol situam a sua obra, no âmbito da historiografia e sociologia dos esportes, no mesmo plano dos grandes textos interpretativos de formação social brasileira [...]. (FERNANDES, p. 10, 2010)

Após realizar essas conexões, percebi que o tema “futebol, imprensa e identidade nacional” eram águas muito mais profundas do que imaginei. Onde começou essa relação entre Brasil e futebol? Quem inventou a tradição de que somos o “país do futebol”? Será que todo brasileiro se sente representado por um escrete de onze jogadores em campo? Ou a comunidade imaginada denominada Brasil não encontra representação em campo e isso foi uma ideia formulada pelo Estado à época. Sabemos que a política utiliza o futebol ao seu interesse; afinal, o futebol é fruto da cultura da sociedade. Não é possível entender esse esporte inglês dissociado da História e suas relações.

A metodologia utilizada nesta pesquisa seguiu de certa forma um caminho tradicional. Trabalhar com a imprensa não é novidade para a historiografia, nem um trabalho simples. Após realizar a leitura e fichamento da bibliografia, será efetuada uma densa pesquisa nas fontes históricas. O projeto tem duas fontes a serem consultadas. As crônicas esportivas de Osmar Cunha do mês de junho de 1938 no jornal florianopolitano “A Gazeta” e o livro redigido por Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*. O material jornalístico

pesquisado está acessível de forma digital no site da Hemeroteca Digital Catarinense<sup>1</sup>. Vale destacar um elemento que também serviu de estímulo para a pesquisa. Grande parte das pesquisas até a década passada, por muitas vezes, limitava-se ao recorte geográfico entre Rio de Janeiro e São Paulo<sup>2</sup>. Optei por fugir desse caminho tão pavimentado e circulado e busquei traçar uma rota alternativa. De que forma a mídia de Florianópolis buscou relatar as ações do escrete brasileiro no certame mundial disputado tão longe? Será que a mesma forma narrativa desenvolvida pelos jornalistas do chamado eixo “Rio-São Paulo” de exaltar os atletas acontecia na capital catarinense? Afinal, o futebol desenvolveu-se de forma singular na cidade de Florianópolis - quando comparado com outros grandes centros urbanos à época. Assunção nos ajuda a trabalhar com fontes jornalísticas quando afirma que:

[...] os jornais são instrumentos e campos de lutas, ocultando interesses políticos e sociais que podem ser desvelados através da análise do seu discurso, que eles se tornam particularmente interessantes para os historiadores que pretendem abordá-los como objetos de estudo ou como fontes históricas para o estudo de temáticas diversas. (BARROS, 2019, p. 189)

A estreita ligação entre Freyre e Mário Filho<sup>3</sup>, entre *Casa Grande & Senzala* e *O negro no futebol brasileiro* deixou profundas marcas na intelectualidade nacional da primeira parte do século XX. Por décadas a visão de uma sociedade harmoniosa reinou nesse país. Após o sucesso internacional na Copa de 1938, o escrete nacional que contava com a participação de atletas não brancos<sup>4</sup> retornou para sua terra natal como grandes heróis que triunfaram no velho continente. O então presidente Getúlio Vargas formulou uma ideologia nacional, buscou *imaginar uma comunidade*, nos dizeres de Benedict Anderson (2008); uma comunidade integrada e harmoniosa entre o negro, o indígena e o branco - bebendo na fonte dos trabalhos redigidos pelos intelectuais da época<sup>5</sup>. Contudo, quando analisamos os fatos, percebemos que o real era muito mais complexo que a realidade idílica pintada por Mário Filho.

<sup>1</sup> Link disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/agazeta1938.html> (Acesso em 18/05/2022)

<sup>2</sup> Com exceção da região do Rio Grande do Sul. Há mais de uma década encontramos diversos trabalhos e pesquisas relevantes sobre a História Social do Futebol - não apenas o gaúcho-. Pesquisas essas estimuladas pelos excelentes trabalhos do professor Cesar Guazzelli, pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de seus orientandos.

<sup>3</sup> É importante destacar que o papel da imprensa não foi importante apenas no Rio de Janeiro com Mario Filho. Em São Paulo também encontramos o nacionalista e conservador Thomas Mazzoni - por muitos considerado o Mario Filho de São Paulo - como figura relevante de difusão do esporte no campo jornalístico. Informação disponível no trabalho de José Miguel Wisnik, 2008, p. 98.

<sup>4</sup> Na Copa do Mundo de 1934, Leônidas já compunha o escrete brasileiro, cumpriu um papel de destaque na seleção que realizou uma campanha abaixo do esperado, sendo eliminada na competição de maneira precoce. Todavia, mesmo com os resultados negativos, Leônidas destacou-se nos *fields* da Europa.

<sup>5</sup> A relação entre a formação de uma comunidade imaginada pelo Estado Novo, futebol e os escritos de Gilberto Freyre podemos encontrar no seguinte artigo: Foot-ball Mulato e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da copa de 1938 (2018), escrito por Ronaldo Helal e Filipe Mostaro.

## 1 A DIFUSÃO DO FUTEBOL E O BRASIL

*La historia del deporte en América Latina es la de la integración en el mercado mundial capitalista. Stefan Rinke*

O futebol e sua história não se limitam apenas aos ocorridos dentro das quatro linhas. Ao vestir a camiseta de historiador do futebol, a pessoa deve atentar-se muito mais aos ocorridos externos. O que quero afirmar é a ideia de que o futebol, esse icônico fenômeno cultural nascido na Inglaterra em 1863<sup>6</sup>, é uma excelente ferramenta para compreender a sociedade, seus conflitos e suas transformações.

Se analisarmos cronologicamente o futebol, assim como outros esportes modernos, nascem em sintonia com a consolidação dos Estados-nações na segunda parcela do século XIX. E há melhor representação de uma nação do que onze jogadores enfileirados disputando uma partida que é transmitida para bilhões de pessoas?

O futebol é jogado mas por muitas vezes não é interpretado corretamente. É notória as simbologias que cercam uma partida. São vinte e dois atletas que buscam, além da glória (individual e coletiva), defender bravamente bandeiras e símbolos. Cantam hinos, vestem a camiseta que representa seu país; não são apenas onze, são milhões de uma nação. O futebol pôde ser visto como uma das diversas expressões de pertencimento e nacionalidade<sup>7</sup>.

Todavia, por uma questão de método, para se compreender o subjetivo deve-se partir do concreto. A difusão do futebol no mundo é resultado da presença do Império britânico e sua influência multicontinental, como podemos perceber:

Le Havre na França, Gênova na Itália e Rotterdam na Holanda. Bilbao na Espanha e Bremen na Alemanha. Belém no Brasil, Callao no Peru e Valparaíso no Chile, sem citar os casos notórios de Montevideu e Buenos Aires. São inúmeros os exemplos de cidades portuárias que, a partir da exibição informal de marinheiros britânicos, tiveram contato precoce com o futebol, quase sempre antes de qualquer outra localidade em seus respectivos países. As zonas portuárias cumpriram papel primordial nesse processo de difusão, mas houve, sem dúvida, outros caminhos, como os investimentos ingleses de ultramar em infraestrutura e serviços urbanos, ou em mineração, conforme abordaremos adiante (MASCARENHAS, p.41-42, 2014)

---

<sup>6</sup> O futebol como conhecemos hoje, chamado à época de Foot-ball Association, se desenvolveu na Inglaterra como prática que moldasse o caráter dos seus praticantes. O esporte surgiu nos clubes e nas escolas inglesas originárias do início do século XIX. A Inglaterra, além de outros países europeus, ajudaram na divulgação dessa cultura, a qual valorizava a atividade física. Para maiores informações, ler o livro do jornalista Alex Bellos, inglês que residiu anos no Brasil, intitulado *Futebol: o Brasil entra em campo*.

<sup>7</sup> HOBBSAWM, Eric. Nações e Nacionalismo desde 1780.

Alguns intelectuais trazem esse ponto em comum da chegada do esporte em outros continentes e a vinculação ao capital britânico. Podemos citar como exemplo os trabalhos de Hilário Franco Jr. em *A dança dos deuses* (2008); Marcelo Proni em *A metamorfose do futebol* (2000); Gilberto Mascarenhas em *Entradas e Bandeiras: A conquista do Brasil pelo futebol* (2014); Pablo Alabarces e *Historia Mínima del fútbol en América Latina* (2018) entre outros - a lista é longa pois esse argumento é indiscutível, poderíamos citar autores que alegam esse elemento em seus escritos de forma exaustiva-.É inegável. Não há como dissociar a discussão da propagação do futebol e o imperialismo britânico, o futebol não é um raio isolado a se revelar em um céu turvo, sua propagação possui raízes materiais bem consolidadas.

### **1.1. AS TRANSFORMAÇÕES DO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

O Brasil enfrentou mares agitados na virada de século. Foi o último país do Ocidente que aboliu a escravidão de sua sociedade, um ano depois a República foi proclamada pelos militares através de um golpe na monarquia, apoiados por setores da elite que estavam enraivecidos com a questão abolicionista. Nelson Werneck Sodré no livro *Formação da sociedade brasileira* (1944) afirma que:

A queda da Monarquia assemelhou-se ao desprendimento maduro de um fruto maduro. A República não trouxe nenhuma classe nova ao poder, não emancipou os espoliados, não alterou o regime de propriedade (COSTA apud SODRÉ, p. 149, 1999)

Em pouco tempo nos deparamos com uma nova forma de governo - lembremos do caso trabalhado por Machado de Assis de Custódio e sua padaria. Será que o nome é *Padaria Império* ou *Padaria República?*- e o ideal de *progresso* era um dos lemas a ser carregados pela nova sociedade republicana. Hoje sabemos que esse ideal progressista, oriundo do século XIX, era carregado de um discurso preconceituoso e elitista.

E essa ideia de “marcha para o progresso” foi reproduzida em larga escala nos grandes centros urbanos do país na virada do século XIX para o século XX. As grandes cidades transformaram-se em grandes canteiros de obras. Podemos citar como exemplo as reformas do prefeito Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro; os casos de Salvador - que adotou o paradigma modernizador carioca- São Paulo e Porto Alegre que também transformaram-se em sinônimo de “modernas”, buscando afastar-se de um passado remoto e

colonial.<sup>8</sup> Além do crescimento urbano, pessoas oriundas de diferentes regiões -não apenas do Brasil mas de distintas partes do mundo- e de classes dessemelhantes passaram a ocupar essa nova malha urbana que era construída. O historiador Denaldo Alchorne de Souza elucida essas mudanças que ocorriam:

A intensa industrialização, a urbanização dos grandes centros, a luta por reconhecimento da população pobre e negra, o desenvolvimento dos meios de comunicação e a transformação dos esportes em espetáculos de massa [...] (SOUZA, p. 28, 2008)

O Brasil da virada do século ancorava-se em uma sociedade agroexportadora, enfrentava certos problemas econômicos oriundos do período imperial mas colhia os frutos das fazendas cafeeiras e também do ciclo da borracha que se iniciava na região Norte do país. Além disso, víamos uma onda de imigrantes que chegavam em terras tupiniquins. Esses imigrantes, uma parcela viajou para o interior em busca de trabalho nas fazendas de café, outros partiam para os centros urbanos - exemplo de São Paulo - que passava por um crescimento industrial e urbano<sup>9</sup> sensível nos primeiros anos do novo século que florescia.

Esse meio urbano que se transformava nas grandes capitais do país recebia pessoas de lugares diferentes do mundo. O Estado brasileiro investiu para embranquecer sua população. Chegava aos portos das cidades uma grande massa de pessoas que buscavam melhores condições de vida nessa terra que colhia os frutos positivos das toneladas de café exportadas. Vale recordar que o Brasil era o grande cafeeiro do mundo, como nos ensina o inglês Eric Hobsbawm:

Enquanto os britânicos abandonavam as poucas xícaras de café que bebiam, para encher seus bules com chá da Índia e do Ceilão (Sri Lanka), os americanos e alemães importam café em quantidades cada vez mais espetaculares, notadamente da América Latina. [...] A Maláia cada vez mais significava borracha e estanho; o Brasil, café; o Chile, nitratos; o Uruguai, carne; Cuba, açúcar e charutos” (HOBSBAWM, p. 184, 2015).

O Brasil exercia seu dever na Divisão Internacional do Trabalho de fornecer produtos agro exportadores para serem consumidos no mercado externo. Porém ao cumprir seu papel de economia dependente<sup>10</sup> vinculada ao capital inglês e abrir as portas, ou os portos, aos

---

<sup>8</sup> Para ler mais sobre o processo de modernização da cidade de Porto Alegre no início do século XX podemos averiguar o trabalho “Porto Alegre já dá vertigens”, da historiadora Ana Júlia Bonez Gamla. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/234176/001135942.pdf?sequence=1> (acesso em 01/10/2022). Para compreender melhor os câmbios que ocorreram em Salvador no início do século XX recomenda-se a leitura do artigo “A modernização da cidade de Salvador: um olhar” de Carina Nascimento e Denise Vieira. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaletra/article/view/230959> (acesso em 01/10/2022).

O caso paulista é trabalhado na obra do intelectual Marcos Guterman intitulada “O futebol explica o Brasil”.

<sup>9</sup> Segundo a historiadora Emília Viotti, somente a cidade de São Paulo recebeu cerca de ¾ de milhão de estrangeiros. Muitos que ali chegaram, não retornaram ao seu lugar de origem, se estabeleceram na capital paulista.

<sup>10</sup> Vânia Bambirra, relevante intelectual brasileira, retoma o artigo de Theotônio dos Santos intitulado “*La crisis de la teoría del desarrollo y las relaciones de dependencia en América Latina*” para conceituar o que é uma

estrangeiros, estes traziam também suas práticas cotidianas. E através dos portos chegou um modismo bretão que transformou a história das terras tupiniquins, o futebol.

Hobsbawm afirma em sua obra *A Era dos Impérios* que talvez  $\frac{1}{3}$  do planeta possuía contato com a economia<sup>11</sup> inglesa. Uma grande massa de ingleses partiram de sua terra natal em busca de melhores condições de vida<sup>12</sup>, estes anglófonos representantes da terra da rainha traziam consigo a obrigação de saber jogar o Football Association, oficializado já no ano de 1863, pois essa poderia ser a chave de abertura de caminhos menos espinhosos nas terras parceiras do império inglês.

## **1.2 A DIFUSÃO DO FUTEBOL NOS GRANDES CENTROS URBANOS: CHARLES MILLER NÃO É O PAI DO FUTEBOL BRASILEIRO**

O futebol chega ao continente em meados do século XIX - o século dos ingleses na América do sul- com a vinda de trabalhadores britânicos que marcavam presença nas grandes cidades portuárias do continente. Na Europa o esporte já se propagava e ganhava uma camada cada vez maior de admiradores e praticantes, o futebol se difundiu de maneira inesperada, sendo adorado por diferentes classes que compunham a sociedade. Os primeiros clubes de futebol a serem criados fora da Inglaterra eram oriundos de regiões portuárias que possuíam estreito vínculo com os ingleses, podemos citar como exemplo a fundação do Le Havre, primeiro clube europeu não inglês original de 1872. O clube era de origem normanda, região que possuía estreito vínculo comercial com a Inglaterra. Na Espanha também ocorre o mesmo exemplo, ingleses marcam presença em zonas portuárias e são responsáveis pelos primeiros contatos dos nativos com esse esporte que era a grande novidade.

Na região do Prata a intensa presença inglesa fazia-se sensível aos olhos de qualquer um, dominar a fluidez comercial da região era importante para a economia da terra da rainha. A presença imperialista britânica marcava sua presença no território das Províncias do Rio da Prata desde sua primeira invasão datada em 1806. Ao fim do mesmo século somente em Buenos Aires, grande porto escoador da região, haviam mais de 40 mil ingleses e mais de

---

economia dependente. “Em primeiro lugar, devemos caracterizar a dependência como uma situação condicionante. A dependência é uma situação na qual certo grupo de países tem sua economia condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra economia à qual se encontra submetida.” (BAMBIRRA apud SANTOS, 2015)

<sup>11</sup> Hobsbawm reforça que não há apenas uma influência econômica, ocorre também nesse processo uma influência cultural por parte dos britânicos nos territórios onde marcam presença.

<sup>12</sup> O professor Gilmar Mascarenhas em *Entradas e bandeiras: A conquista do Brasil pelo futebol* afirma que aproximadamente cinco milhões de pessoas deixaram o Reino Unido entre 1890 e 1901, período de intensa difusão do futebol pelo mundo, buscando iniciar uma nova vida no exterior. (MASCARENHAS, p. 40). Reforço que esse livro será bastante utilizado como aporte teórico ao longo do trabalho.

70% da população da cidade não era nativa<sup>13</sup>. Os primeiros clubes fundados na cidade possuíam ligação com estabelecimentos destinados a educar os filhos dos estrangeiros. Posteriormente, quando no território o esporte deixou de ser exclusivo da elite e dos ingleses, surgiram os primeiros clubes organizados próximos aos portos e ferrovias. O caso uruguaio não se diferenciou do argentino, apesar do território do lado oriental do rio ser bem menor<sup>14</sup>.

O destino do Brasil não foi diferente, apesar de não seguir a mesma trajetória que nossos hermanos platinos devido a distinção de extensão territorial e outros fatores os quais não serão discutidos nesse momento pois este não é o objetivo da pesquisa.

A relação entre Brasil e Inglaterra vinha de longa data, desde a chegada da corte no fatídico ano de 1808. A influência do imperialismo inglês levou o futebol a desembarcar, por exemplo, no Rio de Janeiro e São Paulo já no século supracitado e o esporte difundiu-se de forma rápida entre o final do XIX e início do século XX, chegando a outros centros urbanos do Brasil como Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre. É nessa virada de século que também surge o clube mais antigo ainda em atividade nessas terras tupiniquins, o Sport Club de Rio Grande, fundado em 1900.

No excelente trabalho do professor Gilmar Mascarenhas intitulado *Entradas e Bandeiras - A conquista do Brasil pelo Futebol* explica a difusão do futebol utilizando-se da argumentação do geógrafo francês Loïc Ravanel. Para o europeu ocorrem três tipos de difusão do futebol:

- 1) por transplante (ingleses vivendo em outros países criam clubes de futebol);
- 2) por relação (contatos privilegiados de nacionais com ingleses permitem a inovação);
- e 3) por imitação (quando nacionais aderem ao futebol após assistir a ingleses praticando-o seguidamente em praias, parques etc.). *Em todos, notamos a participação inglesa.* [grifo do autor] (MASCARENHAS apud RAVANEL, p. 40, 2014)

É de suma relevância destacar que não há como pensarmos o futebol no cone-sul sem falar da presença do imperialismo inglês. No Brasil chegavam pelos portos marinheiros que carregavam consigo uma bola simples para se divertirem nos escassos momentos de lazer. As novidades do Velho Mundo chegavam mais rapidamente em regiões que contavam com a presença desses aventureiros que atravessavam os mares. O sociólogo Pablo Alabarces, já

---

<sup>13</sup> Dado presente também no mesmo trabalho supracitado do professor Mascarenhas. Na mesma página o geógrafo reforça o argumento que Hobsbawm pontua: “No último terço do século XIX, expandiu-se brutalmente a exportação de capitais ingleses, que se dirigiam não apenas às tradicionais possessões do império, mas às suas “colônias de povoamento branco” e aos que podem ser chamados de “domínios honorários, como a Argentina e o Uruguai”. (MASCARENHAS apud HOBSBAWM, p. 46).

<sup>14</sup> Pode-se estudar mais sobre a história do futebol uruguaio, argentino e o tal “*estilo criollo*” no livro *Historia Mínima del fútbol en América Latina*, escrito pelo sociólogo argentino Pablo Alabarces. Esse livro faz parte da coleção “Historias mínimas”, lançada pela Editora Colmex em 2018.

citado anteriormente, afirma que no conesul há um tripé difusor do futebol: Instituições escolares, fábricas e instituições religiosas<sup>15</sup>.

É relevante desmistificar o papel de Charles Miller como pedra fundante do futebol no Brasil. Miller é visto como uma espécie de “descobridor” do futebol em terras brasileiras; um antigo navegador da Escola de Sagres que buscou desbravar as águas turbulentas do Novo Mundo. Ao chegar na cidade de São Paulo, trouxe consigo uma bola e o livro de regras do esporte bretão. Todavia é importante ressaltar que o futebol estava presente já em terras tupiniquins desde o último quarto do século XIX, antes mesmo do retorno de Miller ao Brasil em 1894. A proposta é traçar uma história vista de baixo sobre a difusão do futebol pelo território nacional.

Possuímos registros, por exemplo, de um Colégio na cidade de Itu que disputava um jogo chamado “bate balão” com características semelhantes ao *football association* entre 1880-1890. Também há registros dos jesuítas disputando um jogo denominado “ballon anglais”. E vale lembrar do primeiro registro de uma partida de futebol disputada no Brasil por marinheiros que, em um terreno em frente a casa da princesa Isabel, disputaram uma partida no seu período de descanso após o expediente.

Há de se reforçar que as massas de imigrantes que vieram ao Brasil têm sua parcela de responsabilidade no processo de disseminação do esporte pelo país. O Brasil passava por seu processo modernizador -esse projeto tinha como objetivo o embranquecimento da população-, a República recém nascida não poderia ter como base de mão-de-obra apenas os escravizados, indígenas e mestiços os quais nessa terra eram explorados há séculos, afinal jamais seríamos vistos pelo mundo como uma nação *civilizada e moderna* tendo como a maior parcela da pirâmide social do país uma população não branca. As camadas de trabalhadores pobres que vieram ao continente americano em busca de uma condição de vida mais digna, trouxeram também na bagagem o conhecimento do esporte junto que por aqueles lados já era popular entre as camadas mais simples.

A ideia do trabalho não é desmerecer a contribuição de Charles Miller na divulgação do esporte no território nacional<sup>16</sup>, mas enxergar a difusão do esporte sendo guiada apenas por

---

<sup>15</sup> ALABARCES, Pablo. 2018, p. 32.

<sup>16</sup> O grande “boom” de propagação do futebol pelo Brasil ocorreu entre 1894 e 1900. Temos uma longa lista de personagens que auxiliaram na difusão do esporte pelos cantos mais diversos desse vasto território. Além dos exemplos mais conhecidos os quais foram citados no texto, podemos lembrar alguns nomes como: Hans Nobling em São Paulo (1899); Johannes Christian Moritz no Rio Grande do Sul (1900); Zuza Ferreira que aporta em Salvador (1901) após viajar para a Inglaterra; Guilherme de Aquino Fonseca em Pernambuco (1903); o argentino Fritz Essenfelder chega em Curitiba (1909). São estes alguns dos vários personagens que possuem uma parcela de responsabilidade pela divulgação do esporte bretão em território tupiniquim. Alguns dos nomes são de estrangeiros que buscavam melhores condições de vida aqui, outros são de brasileiros que retornavam ao Brasil após viagem para a Europa por conta da vida universitária, tendo em vista que as Faculdades no Brasil no fim do

um único personagem, pessoa que desfrutava de uma boa condição de vida no Brasil, é por muitas vezes desmerecer ou até jogar para escanteio a relevância que as pessoas mais simples, estrangeiros ou nativos, tiveram na propagação do futebol pelos grandes centros urbanos, não apenas a elite é responsável pela agência difusora. Como alertou o professor Hilário Franco Júnior em seu livro *A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade e Cultura* (2007):

Assim, estabelecer paternidades quase heróicas e datas oficiais não esclarece as relações entre o futebol e a sociedade brasileira. Pelo contrário, suas significações mais profundas residem no processo de apropriação pelos diversos setores sociais que o transformaram num fenômeno de massas. (FRANCO JÚNIOR, p. 62, 2007)

A chamada história oficial do Brasil, por muito tempo, foi vista sempre de cima; buscou privilegiar a elite como protagonista dos processos históricos locais. Com o futebol não seria diferente. Há uma passagem redigida por Leonardo Pereira em *Footballmania* que elucida a questão da relevância de Miller e outros personagens abastados que são considerados pioneiros do esporte no Brasil:

Histórias como a de Cox, Muller e outros jovens endinheirados que, como eles, deram os primeiros impulsos ao futebol no país, foram realmente parte importante da difusão do jogo no Brasil. Elas não bastam, porém, para explicar a própria história do jogo em seus primeiros anos no país. Se tiveram participação decisiva na consolidação do futebol brasileiro, eles são parte de um processo mais amplo que fez com que, em todo o mundo, esse jogo tenha se transformado em um verdadeiro fenômeno. (PEREIRA, p. 13, 1998)

Para compreender o processo de difusão do futebol por terras tupiniquins, há de se considerar o papel dos operários, das instituições de ensino e, é claro, do próprio imperialismo britânico.

Entre os exemplos de trabalhadores que carregam consigo uma parcela de responsabilidade pela propagação do futebol podemos citar o operário Thomas Donohoe, maior concorrente de Miller para o título de patrono do futebol brasileiro - claro, entre os torcedores do Bangu-. Donohoe, diferentemente de Miller, era um operário escocês que veio ao Brasil para trabalhar no setor industrial. Há registros da chegada de trabalhadores originários do velho continente aportando no Rio de Janeiro no ano de 1892 para trabalhar na fábrica de tecidos chamada Companhia Progresso Industrial. Seriam esses trabalhadores, incluindo Donohoe, que fundaram anos mais tarde, em 1904, seu próprio clube. O operário europeu está diretamente ligado à história do tão querido Bangu, um dos clubes pioneiros por ser um dos primeiros esportes a permitir um jogador negro a molhar a camiseta que representava as cores do clube<sup>17</sup>. Na clássica obra redigida por Mário Filho, o jornalista deu

século XIX concentrava-se na Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Não se pode resumir a história da difusão do futebol em nosso país reduzindo apenas a participação de figuras como Miller.

<sup>17</sup> Para saber mais sobre a história do Bangu, sua conturbada relação com a Liga Metropolitana de Futebol, e a inserção de atletas negros em seu elenco, pode-se ler o seguinte texto:

destaque ao relevante papel que o Bangu adquiriu inserindo o trabalhador em campo. Nas palavras do autor:

No fundo, luta de classe, sem ninguém dar por isso, é claro. Todos levando a coisa mais para a rivalidade entre o clube do subúrbio e o clube da cidade. Rivalidade que se acentuava de um lado só, do lado do clube do subúrbio. O clube do subúrbio se afastando, ficando cada vez mais longe, querendo até se separar. Separar por quê? Porque se sentia outro clube, outra gente. E o Bangu tinha os seus ingleses [...] mas tinha os seus operários, os seus brancos pobres, os seus mulatos, os seus pretos. O que distinguia o Bangu do Botafogo, do Fluminense, era o operário. O Bangu, clube de fábrica, botava operários no time em pé de igualdade com os mestres ingleses. (RODRIGUES FILHO, p. 87, 2010).

Seu "Danau", como era carinhosamente chamado, apresentou o esporte aos seus camaradas de fábrica, buscando matar um pouco a saudade de seu distante lar. O futebol já tinha seu espaço na Europa e ganhara as massas de trabalhadores, Donohoe carregava esse gosto pelo esporte. Quando chegou ao Brasil para trabalhar não encontrou uma equipe organizada. Aos poucos, dividia os companheiros da fábrica em pequenos *teams* para disputarem o que chamamos hoje de “rachão”. Se Donohoe<sup>18</sup> não é nomeado como o patriarca do futebol, pelo menos um lugar de destaque nas páginas dos livros que tratam sobre a História do futebol o escocês merece.

Ao estendermos nossa mirada para outras regiões do território brasileiro, para além do litoral carioca, encontramos outros vestígios da difusão do futebol. A seguinte passagem do professor Mascarenhas nos auxilia a entender esse processo histórico:

Na América do Sul não havia ainda um esporte "adotado" para chamar de seu, por isso o futebol encontrou um terreno muito fértil para sua propagação. [...] a grande extensão do Império Britânico propiciou a larga difusão da informação “futebol”, mas seu efetivo advento dependeu de fatores locais, de modo que somente uma abordagem geograficamente fundada pode dar conta dos diferentes ritmos de adoção da inovação. A poderosa frota mercante inglesa percorria os portos de quase todo o planeta, e enquanto os navios descarregavam os produtos de sua indústria e se abasteciam de matéria-prima barata, os marinheiros se entretinham com mulheres, bebidas e faziam, com inusitada euforia, a bola correr nos arredores do porto, capturando olhares locais. (MASCARENHAS, p. 44, 2014)

Todavia a difusão do esporte no Brasil não seguiu um rumo único, diferente do caso argentino ou uruguaio. Existe uma “penetração desconectada”, por ser um território muito extenso, a presença inglesa não ocorreu da mesma forma nas diferentes regiões portuárias. Há zonas de maior e menor influência. Mas um elemento é certo: não há como desvincular a difusão do esporte com a presença inglesa, pois como já foi ressaltado neste trabalho, o Brasil

<https://observatorioracialfutebol.com.br/pequenos-gigantes-o-bangu-e-uma-alegoria-do-brasil/> (acesso em 02/11/2022).

<sup>18</sup> Para obter maiores informações sobre a chegada ao Brasil e sua vida em terras tupiniquins, pode-se consultar o texto presente no site Trivela: <https://trivela.com.br/brasil/120-anos-de-futebol-no-brasil-os-boleiros-tomavam-o-pais-muito-antes-das-regras-d-e-charles-miller/> (acesso em 21/11/2022)

estava inserido nas barbas do império britânico. Pelo mar e pela zona litorânea não chegavam apenas mercadorias a serem comercializadas, chegava também valores culturais e um modelo de civilização. E por onde não havia saída para o mar, os ingleses tratavam de se conectar com outras regiões do território através das ferrovias<sup>19</sup>, longos trajetos de aço que auxiliavam na extração de capital para o mercado estrangeiro.

Também há outros exemplos de clubes que já se formavam na virada de século. Não apenas na cidade do Rio de Janeiro, mas em São Paulo os clubes vinculados às fábricas<sup>20</sup>, como o caso do Crespi F.C.- atual Juventus da Mooca- que anos mais tarde o time seria mais famoso que a empresa a qual possuía vínculo, também há o exemplo da fundação em 1902 do Votorantim Athletic Club, clube composto por técnicos e engenheiros da cidade de Sorocaba. E, claro, não se pode jogar para escanteio a relevância que os clubes de várzea tiveram nesse processo de difusão do futebol, tendo em vista que nem todo praticante possuía condições materiais de frequentar os clubes de elite das grandes cidades.

Há também outros clubes compostos apenas por membros ingleses, na cidade de Niterói (RJ) foi fundado o Rio Football Club, escrete britânico até a última gota de suor. que possuía vínculos com o Rio Cricket and Athletic Association<sup>21</sup>, fundado em 1896. Há outro exemplo, como foi o caso na cidade de Salvador do Internacional Rio Cricket, primeiro campeão de futebol baiano em 1905. O clube era composto apenas por integrantes originários da terra da rainha.

Outros clubes surgiam como polo de oposição ao escrete que se formava pelos estrangeiros, como o caso da cidade de Recife. A capital de Pernambuco possuía uma forte relação com os bretões por conta da exportação de cana-de-açúcar. Pelo porto da cidade circulavam universitários que aprendiam os modismos do velho mundo, trabalhadores e também a prática social utilizando bolas. O primeiro jogo disputado na capital pernambucana ocorreu em 1905 entre ingleses contra o seletto grupo nativo que era composto pelo grupo de pessoas que em um futuro nem tão distante dariam origem ao glorioso Sport Club Recife<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> Caso do inglês Charles Wright, considerado o responsável por introduzir o futebol no Paraná, quando trabalhava na construção da ferrovia próximo à cidade de Ponta Grossa.

<sup>20</sup> É importante reforçar o papel da historiadora Maria de Fátima Antunes ao explorar a história do futebol e sua relação com o mundo do trabalho. Para saber mais sobre o futebol nas fábricas de São Paulo, ler o artigo *O futebol nas fábricas*, publicado em 1994. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26963> (acesso 20/09/2022)

<sup>21</sup> Sobre mais informações em relação à História social do Futebol no Rio de Janeiro, é fundamental realizar a leitura da Tese de doutorado intitulada *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)* escrita pelo historiador Leonardo Pereira, importante personagem na construção epistemológica de uma História social do Futebol em nosso país.

<sup>22</sup> Entretanto é importante ressaltar que possuímos registros de prática com bolas na cidade de Recife como uma atividade social desde 1891. O esporte não era chamado de Futebol ou “Foot-ball”, mas sim “jogo de bolas”. Para saber mais sobre a História social do Futebol em Recife pode-se consultar a dissertação de mestrado do

Um ano antes, na cidade de Fortaleza, a primeira partida disputada na cidade ocorreu entre os locais contra o *team* dos trabalhadores ingleses da The Gaz Company; o resultado da partida foi negativo para os brasileiros, desacostumados com o modismo bretão. Mas vale pontuar que germinava a ideia de pertencimento dentro do futebol no Brasil; “nós” *versus* “eles”; “nativos” *versus* “estrangeiros”. Os laços de uma comunidade imaginada eram tecidos aos poucos.

Porém, apenas os ingleses possuem relevância na difusão do futebol pelo Brasil? Existem outros agentes responsáveis pela difusão do esporte em território tupiniquim. Também há de se levar em consideração o papel das congregações religiosas, como o caso dos jesuítas que não se restringiram somente em São Paulo na disseminação do esporte, contribuíram também nos estados do Rio de Janeiro e Santa Catarina<sup>23</sup>. Outros religiosos encarregados pela propagação do “jogo de bolas” foram os maristas no Estado de Minas Gerais e no interior do Rio Grande do Sul, destaque para a cidade de Santa Maria.

A partir de meados do século XIX a ideia sobre o corpo humano passou por câmbios sensíveis, criou-se uma perspectiva de que a “máquina humana” deveria ser forjada. Esse ideal caminhava de mãos dadas com a sociedade industrial que ganhava cada vez mais espaço na Europa. A educação física passou a ser obrigatória em determinadas instituições de ensino, entre elas as escolas jesuítas; estes introduziram diversas modalidades esportivas em suas aulas de ginástica, inclusive o “ballon anglais” disputado já na Escola de Itu, por exemplo, desde a década de 1880.

Porém não foi uma missão simples inserir a prática esportiva na sociedade brasileira que carregava profundas marcas de uma sociedade colonial e escravista, a qual não enxergava com bons olhos o trabalho braçal, afinal trabalhar o corpo não era uma tarefa da elite<sup>24</sup>, mas sim daqueles que trabalhavam para manter a classe de cima. Por anos o menosprezo pelas atividades físicas marcou seu lugar no meio urbano, porém houve uma crescente resistência local por parte daqueles defensores do modismo esportista importado: a Educação Física. O homem da elite, caso quisesse obter algum destaque entre seus semelhantes, deveria praticar esportes e manter seu porte físico em bom estado. Mais uma vez o historiador Leonardo Pereira será citado para auxiliar na mudança de perspectiva referente ao corpo:

---

historiador Eduardo José Silva Lima, intitulada: Recife em campo: História social do Recife (1905-1937). Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/4718> (acesso: 22/11/2022)

<sup>23</sup> O futebol aportou na ilha de Florianópolis no ano de 1906.

<sup>24</sup> Para entender melhor a questão da mudança de perspectiva sobre o corpo e a ascensão das teorias higienistas no Brasil, ler o primeiro capítulo do renomado trabalho *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)* (1998).

Acostumados a ver no exercício físico uma atividade degradante e indigna, as camadas letradas brasileiras insistiam em sua desconfiança em relação aos exercícios ginásticos - atividades que não mereceriam sua atenção. [...]. Aparecendo como os salvadores do vigor nacional, os esportes passavam, então, a contar com entusiástico apoio dos higienistas e educadores interessados no desenvolvimento físico da nação. O caminho seria longo. O advento dos esportes era ainda, na virada do século, uma novidade para os cariocas. (PEREIRA, p.39, 1998)

Uma nova concepção de sociedade aos poucos era forjada nos grandes centros urbanos do Brasil. E as novidades oriundas de terras distantes ganhavam cada vez mais força e o esporte adquiria mais espaço em diferentes ambientes. O professor Denaldo Alchorne nos ajuda a compreender esse processo de difusão do futebol em diferentes ambientes<sup>25</sup>:

A urbanização das cidades [Rio de Janeiro e São Paulo] apresentou um crescimento maior que as demais do país. O Rio de Janeiro passou de 691.565 habitantes em 1900 para 1.896.998 em 1939. São Paulo passou de 239.820 para 1.322.643 no mesmo período. Assim, aumentou o número de operários e de outros trabalhadores urbanos. [...] A prática do foot-ball também sofreu modificações. Novos *sportmen* foram conquistados, não somente nos clubes sofisticados, mas também nos terrenos descampados e nos bairros suburbanos (SOUZA, p.30, 2008)

Foi citado o papel do imperialismo britânico, dos trabalhadores e das instituições de ensino na propagação do futebol, mas falta mais um membro para “completar o meio de campo”. O papel dos estudantes, os quais regressavam do velho continente para o Brasil. As instituições de ensino não marcavam tanta presença em território nacional, por conta deste fato diversos membros das elites regionais enviavam seus filhos para estudar na Europa e retornarem à sua terra natal com um diploma na mão, concretizava-se o sonho de ser chamado de “doutor”. E como já foi supracitado, quando estes estudantes aportavam em suas cidades natais, traziam na mala os modismos importados de terras distantes.

Após alguns exemplos históricos, podemos reforçar a ideia de que Charles Miller não pode ser chamado de “pai do futebol brasileiro”, afirmar isso é reduzir a complexa história do futebol no Brasil e suas imbricações. Reforço que em nenhum momento esse texto possui intenção de desmerecer a relevância que a figura de Miller possui na história do futebol brasileiro, contudo responsabilizá-lo como patriarca e propagador do esporte pelo Brasil é colocar um peso excessivo sobre um único personagem. A história é mais complexa e o Brasil é muito vasto para ter somente um responsável pela divulgação do esporte inglês em seu território.

No início do século passado, com o passar dos anos, o esporte criou raízes profundas, não apenas no Rio de Janeiro, mas em outras capitais como São Paulo, Porto Alegre, Belo

---

<sup>25</sup> Também há de reforçar a relevância que a várzea teve na história do futebol brasileiro. As chamadas minorias, negros e mestiços de origem humilde adotaram o esporte como parte de suas atividades fora do período de trabalho. Todavia, o espaço encontrado para praticar o modismo importado não era nos clubes elitistas, mas nos espaços descampados no meio urbanos.

Horizonte e Belém. E apesar da mecanização tardia a qual passava o Brasil no fim do século XIX, responsável por diminuir as distâncias do país graças à malha ferroviária que ganhava cada vez mais espaço, intensificou-se a fluidez populacional. Com o passar dos anos ocorreu uma integração do território nacional a partir da década de 1930 com Getúlio Vargas. Era posto na mesa um projeto de unidade nacional, que será trabalhado mais para frente, e era dado o pontapé inicial ao processo de êxodo rural em terras tupiniquins. Aos poucos o Brasil passou a ser mais urbanizado.

Contudo ainda há um problema a ser solucionado. Como que o futebol conseguiu se difundir pelas diferentes camadas sociais? Através do famoso “boca a boca”? Será que ele se propagou apenas pela presença das pessoas que, interessadas no que ocorria, começaram a acompanhar as partidas que eram disputadas em sua cidade? Claro que não. É uma tarefa quase impossível falar sobre disseminação dos esportes nesse pedaço de mundo submetido ao fardo do subdesenvolvimento sem falar da importância da imprensa nesse papel. Como Hobsbawm já havia nos ensinado:

A identificação nacional nessa era [pós-1918] adquiriu novos meios de se expressar nas sociedades modernas, urbanizadas e de alta tecnologia. Dois deles muito importantes merecem destaque. O primeiro, que requer poucos comentários, foi o surgimento da moderna comunicação de massa: imprensa, cinema e rádio. Por esses meios as ideologias populistas podiam ser tanto padronizadas, homogêneas e transformadas quanto, obviamente, podiam ser exploradas com propósitos deliberados de propaganda por Estados ou interesses privados. [...] a propaganda deliberada quase certamente era menos significativa do que a habilidade de a comunicação de massa transformar o que, de fato, eram símbolos nacionais em parte da vida de qualquer indivíduo e, a partir daí, romper as divisões entre as esferas privada e local [...] (HOBSBAWM, p. 170, 2004)

A imprensa foi responsável não apenas pela divulgação de informações e notícias, também auxiliou na formação de uma identidade nacional. O trabalho não terá como foco a importância do rádio e do cinema, a atenção será voltada para as mídias impressas, os jornais. Desde 1894 já era divulgado nos jornais comentários sobre modalidades esportivas que eram moda na época, como o *turfe*. Porém a posição de destaque dos cavalos que buscavam um lugar ao sol não duraria muito. No Rio de Janeiro, por exemplo, com a proliferação dos primeiros clubes esportivos o futebol, de forma gradual, passou a adquirir uma relevância cada vez maior nos círculos sociais e também nos jornais.

### 1.3. COMO A IMPRENSA ADOTA O FUTEBOL COMO SÍMBOLO NACIONAL?

É uma aventura interessante analisar a história do Brasil a partir dos jornais e seus relatos. Em comparação às outras regiões do continente americano, onde a mídia impressa se

desenvolveu de forma mais ágil, no Brasil devido a barreira criada pela Metrópole. O desenvolvimento foi tardio pois Portugal não tinha como ambição permitir o desenvolvimento da imprensa em sua colônia por receio de que houvesse críticas à dominação lusitana. Todavia o objetivo do trabalho não é traçar uma linha do tempo sobre a história da imprensa no Brasil, contudo vale reforçar que essa história não é tão recente como se supõe o senso comum, sua origem remete à séculos anteriores. Um elemento deve se reforçar: os jornais são meios de comunicação que buscam captar as massas e formular ideias. Como afirma o historiador José D'assunção Barros:

[...] os jornais não transmitem apenas informações. Eles também comunicam ideias e valores, e através dessas ideias e valores buscam agir sobre a sociedade, além de representarem certos interesses [...] A informação transmitida pelos jornais [...] mescla-se com a elaboração de um discurso, com a comunicação de valores e ideias, com projetos de agir sobre a sociedade, com a necessidade de interagir com fatores políticos e econômicos.(ASSUNÇÃO, p.183, 2019)

A história do desenvolvimento da imprensa tem relação direta com o desdobramento do capitalismo<sup>26</sup>, como nos ensinou Nelson Werneck Sodré em *História da Imprensa no Brasil* (1966). E alguns jornais e jornalistas souberam se utilizar dessa relação e do sucesso que o futebol adquiriu com a passagem dos anos, pois perceberam que o esporte estava se tornando também uma atividade lucrativa. Aos poucos o futebol começou a ganhar espaço nas páginas impressas, ocupando um lugar antes destinado somente ao turfê e ao remo. Quanto mais crescia a popularidade do esporte bretão, a mídia atentava-se para as mudanças que ocorriam. Será que o jornalismo esportivo que foi gestado nas páginas jornalísticas possuía a mesma forma a qual conhecemos hoje? A resposta é não.

Os primeiros relatos sobre as partidas de *foot-ball* eram distantes do admirador do esporte, frios, possuíam poucas descrições, por muitas vezes limitando-se apenas ao placar do *match*. Parece que não havia um diálogo entre o escritor e o leitor. Entretanto, um personagem central<sup>27</sup> do jornalismo brasileiro foi responsável por transformar a história, não apenas da imprensa, mas do futebol brasileiro. O inventor de multidões, Mário Filho. O homem que dá nome ao maior templo futebolístico do mundo: o Estádio Maracanã no Rio de Janeiro.

<sup>26</sup> Benedict Anderson em *Comunidades imaginadas* também explora com afinco a relação entre a imprensa e o desenvolvimento do capitalismo.

<sup>27</sup> No período que o esporte ganhava cada vez mais destaque nas páginas esportivas, além de Mário Filho havia um paulista jornalista que também escrevia sobre futebol e era um amante do esporte. Estamos falando de Thomas Mazzoni, um dos poucos repórteres responsáveis por fazer uma cobertura internacional da Copa de 1938. Era um conservador e nacionalista fervoroso. Porém não nos aprofundaremos em suas histórias e suas contribuições pois seria um ponto fora da curva no recorte proposto por esse trabalho. Todavia não se pode deixar de lado essa figura importante do jornalismo brasileiro. Merece ao menos um comentário sobre sua figura em uma nota de rodapé.

Filho de jornalista, irmão de Nelson Rodrigues, Mário Filho cumpriu um papel nevrálgico na propagação do futebol e revolucionou as páginas esportivas, é um dos responsáveis por criar essa tradição de Brasil ser sinônimo de futebol. Buscava escrever nas páginas dos jornais de uma forma mais informal, buscando se aproximar das pessoas mais simples, bebeu da consciência do povo para redigir suas colunas e influenciar aqueles que o liam.

Mário Filho começou a trabalhar a partir de 1925 no jornal *A Manhã*, abandonou as páginas literárias em 1927 e passou a dedicar-se exclusivamente aos esportes. Adquiriu o *Jornal dos Sports* em 1936, três anos após a profissionalização do futebol<sup>28</sup>. Ele havia entendido que o futebol poderia ser um negócio lucrativo nas páginas esportivas, além de ser uma figura primordial na consolidação do futebol em território nacional.

Primeiro pela questão midiática, foi o grande divulgador do esporte bretão e ainda há de se considerar a importância da imprensa na difusão do futebol em um país tão grande, estava se estruturando um mercado editorial esportivo no Brasil<sup>29</sup>, como apontou o já citado Denaldo Souza:

Segundo uma pesquisa feita pelo Departamento Nacional do Comércio, os periódicos esportivos foram os que tiveram maior crescimento nas primeiras décadas do século, saltando de cinco jornais em 1912 para 58 em 1930. [...] O foot-ball estava virando um grande negócio. A vitória na competição se tornava essencial. Era necessário contratar os melhores cracks fossem eles ricos ou pobres, brancos ou negros. [...] O sport estava adquirindo uma importância crescente em diversos segmentos da sociedade brasileira, levando alguns políticos a darem mais atenção ao fato. (SOUZA, p. 32, 2008)

Sobre a relação entre futebol e seu uso político por estadistas será discutido no próximo capítulo. Em segundo pelo seu clássico livro *O negro no futebol brasileiro* (1947) que é considerado até hoje um trabalho incontornável para os estudiosos do futebol. No trabalho supracitado de Denaldo Souza, destaca-se também que:

[...] considero que *O negro no foot-ball brasileiro* está alinhado com a mesma tradição das obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda e Caio Prado Júnior que, nas décadas de 1930 e 1940, procuravam interpretar o Brasil, buscando a especificidade de nossa história e o sentido de “ser brasileiro”. Assim, o livro

---

<sup>28</sup> Deve-se prestar atenção no debate sobre o amadorismo x profissionalismo no futebol brasileiro. Há uma questão de classe e de raça na defesa do amadorismo. Os membros das elites locais não aceitavam a presença de jogadores que dividiam seu tempo entre trabalho e lazer. Para a elite, o futebol, sinônimo de modernidade europeia, deveria ser disputado apenas entre seus semelhantes. Nada de jogadores operários e atletas “de cor” ocupando lugar nos *teams*. Para ler mais sobre o tema, ler o artigo de Felipe Machado intitulado *Copa do Mundo de 1938: o Futebol construindo a "nação"*, disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41495> (acesso em 01/12/2022).

<sup>29</sup> Mário Filho foi responsável por criar diversos eventos esportivos como os Jogos da Primavera, fundado em 1949, que possui uma relevância na questão da participação das mulheres em eventos esportivos. A competição existiria até 1972. Também foi responsável por criar o torneio Rio-São Paulo em 1950. Anos mais tarde, em 1955, fundou ainda a *Manchete Esportiva*. Para mais informações ler SOUZA, 2008, p. 177.

merece todo o respeito que deve ser dado a uma obra considerada clássica. (SOUZA, p.173, 2008)

Esse trabalho, além de tecer uma cronologia do esporte no Rio de Janeiro, trabalhou com um assunto delicado. A inserção dos atletas negros em um esporte o qual buscava consolidar cada vez mais seu espaço na sociedade cuja abolição da escravidão não havia completo nem sessenta anos quando o jornalista escreveu sua obra. O negro buscava conquistar seu lugar em uma sociedade racista. E o futebol, para muitos, foi o meio de ascensão social. Falaremos mais sobre Mário Filho e suas contribuições no próximo capítulo.

## **2. O CAMINHO VEXAMINOSO ATÉ A COPA DE 1938**

*A seleção brasileira seria o veículo perfeito a dar concretude à idealização de democracia social do Estado Novo. Denaldo Alchorne de Souza*

Desde o momento o qual o autor deste trabalho se reconhece como indivíduo por milhares de vezes a frase que o Brasil é o “país do futebol” foi repetida. E é interessante pensar como esse fenômeno se difundiu não apenas pelo próprio território nacional, mas pelo mundo. Entretanto, com o passar dos anos um questionamento começou a ganhar mais força: quando o Brasil criou essa tradição de ser o país do futebol? A História seria uma ferramenta de auxílio para responder essa dúvida. É uma tradição inventada e ganhou sustentação a partir de 1938, um ano após o golpe varguista do Estado Novo. Mas essa tradição foi inventada de que forma? Com grande auxílio das mídias impressas, o jornal. Esse tema será discutido ao longo do capítulo. Todavia, há de se alongar a vista ao passado e compreender o péssimo desempenho brasileiro nas competições internacionais de 1930 e 1934.

O primeiro torneio de Futebol oficial da FIFA, criado pelo então presidente da Federação Jules Rimet, envolvendo seleções nacionais da Europa e das Américas ocorreu no Uruguai, potência futebolística que havia ganho a modalidade futebolística nas Olimpíadas de 1924 e 1928. Enxergava-se, por mérito, que essa potência emergente sul-americana deveria ser sede do grande evento. O palco havia sido montado, era o gigante Estádio Centenário, nome dado em homenagem ao episódio da independência uruguaia. A imprensa estava mobilizada para cobrir o evento, centenas de jornalistas marcaram presença em solo americano para assistir as partidas do torneio internacional. Anos mais tarde o uruguaio

Eduardo Galeano de forma breve em uma crônica comenta o que foi o primeiro torneio mundial de seleções:

O Uruguai estreou com bumbos e pratos um monumental cenário construído em oito meses. O estádio se chamou Centenário, para celebrar o aniversário da Constituição que um século antes tinha negado direitos civis às mulheres, aos analfabetos e aos pobres. Nas arquibancadas não cabia nem um alfinete quando Uruguai e Argentina disputaram a final do campeonato. O estádio era um mar de chapéus de palha. Também os fotógrafos usavam chapéus, e câmaras com tripés. Os goleiros usavam gorros e o juiz vestia um calção negro que lhe cobria os joelhos. [...] (GALEANO, p.62-63, 2015)

A Copa de 1930 foi marcada por um período de expansão do futebol pelos quatro cantos do mundo e a Europa admirava de forma espantosa que não era a única a dominar a arte do jogo de bola. O evento contou com a participação de 13 seleções, poucas se esforçaram para atravessar o Atlântico até a região de Montevideu e o país sede sagrou-se vitorioso diante de seu vizinho quase irmão, os argentinos.

Mas e o Brasil? Uma campanha miserável, eliminados na primeira fase amargando a sexta colocação. O técnico Píndaro Rodrigues e o capitão de seu escrete, Preguinho, não conseguiram o feito de levar a seleção brasileira para além da primeira parte do torneio. Uma derrota para Iugoslávia, 2 x 1, e uma vitória diante do selecionado boliviano, outro representante sul-americano, por 4 x 0. O selecionado brasileiro estava mais para *seleção carioca*. Em tempos uma disputa entre paulistas e cariocas, o atrito entre a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), sediada no Rio de Janeiro, e a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) a qual não aceitou que a CBD desse uma resposta negativa sobre a participação de membros paulistas na comissão técnica do selecionado brasileiro. Por trás dessa disputa regionalista havia um discurso mais forte: aqueles que defendiam a profissionalização do esporte contra os partidários do amadorismo<sup>30</sup>. O resultado desse conflito foi que somente os atletas os quais atuavam em clubes cariocas foram para o Uruguai disputar o torneio. Ficava cada vez mais evidente o regionalismo entre cariocas e paulistas, o qual não era uma novidade histórica, e a disputa pelo domínio do melhor futebol em solo brasileiro.

---

<sup>30</sup> Muitos atletas dos clubes recebiam um pagamento “por fora”, o famoso “bicho”. A situação daqueles defensores do amadorismo no futebol piorou drasticamente após a onda migratória de atletas para o estrangeiro. Ronaldo Helal em seu trabalho *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de massa no Brasil* (1997) afirma que haviam mais de 30 atletas brasileiros atuando em solo italiano no ano de 1931. A profissionalização do esporte já estava marcando presença na Europa há alguns anos. A Áustria foi o primeiro país não britânico a adotar a causa (1924), seguidos por Tchecoslováquia (1925), Hungria (1926), Espanha e Itália (ambos em 1929). Em 1932 e 1933 a onda migratória se direcionou para o Uruguai e Argentina, países onde o esporte já era profissionalizado. Não veio a tardar a profissionalização do futebol no Brasil, tendo início em 1933.

Apesar do desempenho pífio<sup>31</sup>, surgia no meio de campo daquele escrete um jogador que foi explorado pela literatura de Mário Filho, o centro-médio Fausto, chamado de “Maravilha Negra” pela mídia uruguaia. A seleção, majoritariamente, era composta de jogadores brancos. Mas entre esses atletas existia um contraponto. Pode parecer pouco, mas por conta de desentendimentos internacionais em solo argentino após um campeonato Sul-americano<sup>32</sup>, o escrete nacional não contava com a participação de atletas negros. Porém Fausto, então atleta do Vasco da Gama à época e campeão carioca de 1929, conseguiu furar essa barreira racial.

Quatro anos mais tarde, em 1934, seria disputado o segundo torneio internacional. Dessa vez o solo italiano seria a casa que receberia seleções de diferentes partes do mundo. Pela primeira vez no torneio registramos as eliminatórias regionais por conta da quantidade de seleções que buscaram ocupar as 16 vagas disponíveis. O então campeão Uruguai, em resposta aos europeus que se negaram a disputar o torneio de 1930 em solo sul-americano, boicotou o torneio por conta da ausência italiana e nem se inscreveu para as classificatórias regionais. Também foi novidade a disponibilidade de uma vaga para um representante da África e Ásia -sim, uma vaga para dois continentes- além das duas vagas cedidas para a América do Sul, uma para América do Norte e Caribe e as vagas remanescentes, doze, seriam ocupadas por seleções europeias. Dessa vez a procura dos europeus foi maior, devido a proximidade geográfica - mas também há uma carga de preconceito muito forte em relação aos sul-americanos-. Racismo e xenofobia andavam -e permanecem andando- de mãos dadas.

Nesse evento a utilização política do esporte, assunto que será discutido ao decorrer do capítulo, ficou clara aos olhos do mundo. A Itália à época, guiada pelo fascismo de Benito Mussolini, entrou em campo para disputar as partidas vestindo camisas pretas, uma clara referência aos *camicie nere*, Os camisas negras, milícia paramilitar apoiadora do regime fascista. Mais uma vez citando o cronista Eduardo Galeano:

Na Alemanha, Hitler se consagrava führer do Terceiro Reich e promulgava a lei em defesa da raça ariana, que obrigava a esterilizar os doentes hereditários e os criminosos, enquanto Mussolini inaugurava, na Itália, o segundo

---

<sup>31</sup> Para saber um pouco mais sobre a Copa do Mundo de 1930, consulte o segundo livro sobre futebol redigido pelo historiador Hilário Franco Jr. chamado *Dando Tratos à Bola: Ensaio sobre Futebol* (2017).

<sup>32</sup> O prestígio de uma nação no exterior poderia ficar prejudicado caso houvesse algum problema com a delegação, atletas ou dirigentes. O episódio com os argentinos e a resposta de Epiácio Pessoa é uma prova cristalina. O Brasil em 1920 após jogar o Sul-americano no Chile, disputou um amistoso contra os argentinos em Buenos Aires. Alguns torcedores e jornalistas locais não foram nada receptivos com os brasileiros, representaram a seleção em um jornal local numa fotogravura onde os atletas tupiniquins tinham cara de macaco. Houve protestos por parte da delegação brasileira. No ano seguinte o presidente Epiácio Pessoa fez uma espécie de acordo com a CBD: Cedia algum dinheiro para custear a viagem para o próximo Sul-americano, em troca da ajuda de custo os atletas que representariam o selecionado deveriam ser rigorosamente brancos devido ao “prestígio pátrio”. Esse episódio resultou em um afastamento dos atletas negros da seleção por alguns anos.

Campeonato Mundial de Futebol. Os cartazes do campeonato mostravam um Hércules que fazia a saudação fascista com uma bola a seus pés. O Mundial de 34 em Roma foi, para Il Duce, uma grande operação de propaganda. Mussolini assistiu a todas as partidas da tribuna de honra, o queixo erguido para as arquibancadas repletas de camisas negras, e os onze jogadores da equipe italiana lhe dedicaram suas vitórias com a palma estendida (GALEANO, p.67, 2015)

O título mais uma vez ficou no colo da seleção sede. Os italianos derrotaram a Tchecoslováquia por dois tentos a um. Destaque para a participação de dois atletas argentinos que se naturalizaram italianos, Orsi e Guaita. Essa fuga de jogadores latino-americanos para o velho continente girava em torno da profissionalização do esporte, debate esse que adquiria cada vez mais espaço nas sociedades das regiões mais distintas. Ok, mas e o Brasil?

Novamente o Brasil teve um desempenho desastroso no torneio mundial. Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, passou o recado para seus atletas que os esportistas brasileiros deveriam se guiar pelo “espírito que se renovava na Itália”<sup>33</sup>, o fascismo. Mesmo assim, a mensagem do presidente não ajudou muito a seleção e seu vexame internacional. Outra vez o debate entre paulistas e cariocas permaneceu acalorado, com uma pitada a mais de pimenta, o debate sobre o profissionalismo. A CBD, vinculada à FIFA, era contrária à profissionalização do esporte vigente desde 1933, porém a atividade estava regulamentada já em território paulista e os ventos sopravam na mesma direção no Rio de Janeiro. Entretanto o discurso defensor do amadorismo no esporte possuía um forte discurso classista, era notório que os simpatizantes da causa apontavam que o Futebol não deveria ser uma prática realizada por profissionais os quais dedicavam seu tempo em campo em troca de algum pagamento que desse para o sustento. Ecoava na cabeça daquele homem branco da elite brasileira: como vou dividir o espaço com um mero operário?

Mais uma vez o amadorismo brasileiro entrou em campo e realizou uma campanha vexatória. Um exemplo do tamanho amadorismo foi que o papel de treinador, o qual em tese era ocupado por Luís Vinhais, na verdade o ativo do cargo foi Carlito Rocha, figura essa que estava inscrita como árbitro da competição e acompanhou a seleção nacional no campo de reservas. Essa tragédia em solo europeu ficou marcada como a pior campanha da história da seleção brasileira em campeonatos mundiais. Eliminados, mais uma vez, na primeira fase diante de uma derrota contra a seleção espanhola. Entretanto, um feixe de esperança apareceu no fim do túnel.

---

<sup>33</sup> Segundo o professor Hilário Franco Jr. em *Dando tratos à bola*, a mensagem de Vargas para os atletas brasileiros era: “Ides para um país que se renova moral e materialmente. O italiano, que se sentia deprimido antes do advento do fascismo, sente-se agora orgulhoso de sua raça. É esse exemplo que deve guiar os esportistas brasileiros.” (FRANCO JÚNIOR, p.24, 2017)

Outra vez um atleta negro molhou a camiseta pela seleção e marcou o único gol do escrete no torneio. O icônico Leônidas da Silva, atacante do poderoso Peñarol. Há algum tempo já defendia a camiseta da seleção, foi autor dos gols que garantiram ao Brasil o título no torneio Rio Branco em 1932 diante dos uruguaios e chamou a atenção dos mesmos após a excelente campanha do *team* carioca no campeonato brasileiro de seleções, vencendo o escrete paulista na final que contava com a figura de Friedenreich. Leônidas é visto como a primeira grande joia<sup>34</sup> do futebol brasileiro e um dos primeiros atletas negros a jogar uma Copa do Mundo pelo Brasil. O chamado “Homem-borracha” chamava cada vez mais atenção dos olhares curiosos da imprensa, essa responsável por apelidar o atacante de “Diamante negro”. Chamou a atenção em 1934, mas chamaria atenção do mundo em um futuro nem tão distante.. No início da década de 1930 até havia um certo interesse político por parte das autoridades governamentais, mas não havia um projeto político-ideológico. Em resposta a essa desorganização e falta de projeto os resultados nos torneios mundiais sempre foram negativos. Depois dos consecutivos insucessos, era hora do jogo virar.

O terceiro torneio mundial de futebol disputado em 1938 seria mais marcado pela política do que o anterior. Não é novidade a forma como o futebol é utilizado como ferramenta política por estadistas, possuímos diversos exemplos históricos que poderiam preencher uma larga lista. Como afirma Denaldo Souza:

Países como Itália e, posteriormente, Alemanha já utilizavam atividades desportivas como uma forma de auto-afirmação nacional. Nesse período, os esportes e a moderna comunicação de massa, como imprensa, cinema e rádio, foram significativos em transformar os símbolos nacionais [...] As partidas foram transformadas num espetáculo de massa, no qual, numa sucessão infundável de contendas, “se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global. (SOUZA, p.36, 2008)

E o Estado que estava se consolidando no poder após o golpe de 1930 estava atento ao fenômeno do futebol e como o povo brasileiro se tornava cada vez mais apaixonado pelo esporte. Nos grandes centros urbanos o futebol já havia se tornado a principal forma de lazer. Na Copa Rio Branco de 1932 mais uma vez a seleção contou com atletas negros, mas com um número superior ao torneio de 1930. A vitória no torneio foi homenageada por Vargas no Palácio do Catete. Hobsbawm já nos alertava que o espetáculo esportivo, destacando o papel do futebol, tornou-se um excelente meio de instigar um sentimento nacionalista. Para o historiador inglês:

A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio

---

<sup>34</sup> Texto presente no site da CBF, instituição que toca a seleção brasileira desde 1979. <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogadores-imortais/leonidas-da-silva-a-primeira-joia-rara-do-futebol-brasileiro> (acesso em 08/12/2022).

símbolo de sua nação. "O autor se lembra quando ouvia, nervoso, à transmissão radiofônica da primeira partida internacional de futebol entre a Inglaterra e a Áustria, jogada em Viena em 1929, na casa de amigos que prometeram descontar nele se a Inglaterra ganhasse da Áustria, o que, pelos registros, parecia bastante provável. Como o único menino inglês presente, eu era Inglaterra, enquanto eles eram a Áustria. (HOBSBAWM, p.171, 2004)

Getúlio Vargas com o desenrolar dos anos percebeu que a ditadura do Estado Novo poderia se utilizar da seleção nacional de futebol como uma excelente ferramenta política, a qual representasse um ideal de sociedade brasileira que o Estado buscava forjar. A chamada democracia social entrava em campo. O esporte brasileiro não era mais aquele composto majoritariamente de atletas brancos oriundos de boas famílias. Encontrávamos em campo a partir de agora, depois da Copa do Mundo de 1934, também atletas pobres e ricos, negros e mestiços. O Estado buscou forjar a identidade brasileira e utilizou o esporte como esse elo que ligava uma comunidade imaginada. E era essa nação agora realmente representada em seus onze atletas que entrou em campo na Copa do Mundo de 1938. Mas para entender melhor o caso, há de compreender a história da inserção dos negros no futebol brasileiro e também é necessário entender a relevância a qual o sociólogo Gilberto Freyre teve nesse processo histórico. E é esse o tema que iremos explorar.

## 2.1 A INSERÇÃO DE ATLETAS NEGROS NO FUTEBOL BRASILEIRO E A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO DE GILBERTO FREYRE

Existe uma passagem bastante famosa logo nas primeiras páginas do livro *O negro no futebol brasileiro* (2010) a qual o autor afirma que os saudosistas do futebol em seus primórdios são brancos. Logo em seguida o jornalista se questiona por qual razão dos saudosistas do esporte bretão serem brancos e não negros ou mestiços. A argumentação de Mário Filho é extensa, mas um ponto quero destacar para dar início a essa nova sessão do trabalho. Não há nada de idílica na História do futebol em suas raízes. E sendo o futebol um reflexo da sociedade a qual o esporte está inserido, os atletas negros buscaram de forma gradual consolidar seu espaço na sociedade e nos *grounds* de futebol.

Não é intenção deste trabalho realizar uma cronologia da escravidão no Brasil, além de laborioso também tomaria uma parcela de páginas as quais fariam perder o rumo e fugir do tema. Mas é de suma relevância pensar a inserção de corpos negros no esporte junto do recente processo de abolição da escravidão ocorrido em 1888. Além dos discursos racistas que ganhavam mais espaço nas mídias à época, a elite buscava de toda forma inferiorizar essa

camada da população que, agora liberta, não havia ainda se integrado de forma completa na sociedade brasileira. A ideia de “igualdade” existia apenas na teoria e nos discursos dos liberais, pois na prática a população ex-cativa foi jogada ao relento e não obteve seus direitos garantidos por parte do novo regime político que se instaurou a partir de 1889.

Mário Filho nos ensinou que o negro por tempos permaneceu apenas admirando aquele esporte que era visto como uma exclusividade da elite. O jornalista afirma que o negro no Brasil aprendeu a jogar bola mirando de longe os campos onde ocorriam as primeiras partidas. Com o passar dos anos, de forma muito lenta, alguns clubes foram abrindo suas portas para atletas não brancos. Mesmo com inúmeras barreiras postas diante da população negra, começavam a surgir os primeiros casos de jogadores que compunham o elenco dos *teams* de origem não elitista. Podemos citar o caso da Ponte Preta<sup>35</sup> e Miguel do Carmo. Clube fundado na virada do século XIX para o século XX, em 1900, teve entre seus membros fundadores um jogador de origem distinta. Miguel é, para muitos, o primeiro jogador negro da história do Futebol brasileiro.

Também podemos citar, novamente, o caso do Bangu e dos atletas Manoel Maia e Francisco Carragal que já no ano de 1905 molhavam as camisas de forma aguerrida e garantiram seu espaço nos *grounds* onde eram disputadas as partidas. O clube já em seus primórdios contava com a presença de jogadores mulatos e pretos que compunham o elenco e foram campeões da segunda divisão carioca no ano de 1911. Já pensou em um *team* composto por um elenco miscigenado ser campeão? Para muitos esse fato seria inimaginável. Mas outros elencos repetiriam esse feito. Campos, clube de Campos do Goytacazes-RJ fundado por negros, foi campeão em 1918. Outro exemplo, acredito que seja o mais famoso, são os títulos de 1922 e 1923<sup>36</sup> erguidos pelo elenco do Vasco. O clube que carrega no peito a cruz de malta e tem em seu nome a representação de um navegador português, foi também um dos pioneiros a aceitar atletas que não fossem de origem branca a compor o elenco. Além dos

---

<sup>35</sup> Há uma matéria disponível no Observatório Racial do Futebol comentando sobre os casos dos clubes que aderiram jogadores negros em seus elencos. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/clubes-pioneiros-na-insercao-do-jogador-negro-no-futebol-brasileiro/> (acesso 10/12/22)

<sup>36</sup> Devido ao título de 1923 do Vasco os clubes mais renomados do Rio de Janeiro, como Fluminense, Botafogo, Flamengo e América, fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), instituição responsável por barrar a inscrição vascaína na edição posterior do campeonato se baseando no argumento pífio de que o clube não possuía estádio. Sabemos, na verdade, qual foi o real motivo. O Vasco é conhecido historicamente por seu posicionamento político e na luta contra o racismo no futebol brasileiro. Em 2022, cem anos após o primeiro título carioca (2ª divisão em 1922), as torcidas organizadas do clube assinaram em conjunto e lançaram um manifesto exigindo mais respeito dentro dos estádios e também exigindo o fim do racismo e dos preconceitos com o público LGBTQIA+. Para ler mais sobre: <https://observatorioracialfutebol.com.br/vasco-cria-manual-de-conduta-contradiscriminacao-por-parte-de-torcedores/> (acesso em 08/12/2022)

atletas, também foi relevante pois já em 1905 o clube foi presidido por um negro, Cândido José de Araújo.

No sul do Brasil também há o caso da Liga Nacional de Futebol Porto-alegrense, pejorativamente chamada pela imprensa como “Liga dos Canelas Pretas”, fundada em 1912. Além da Liga inaugurada na capital gaúcha, encontramos outras Ligas como a Liga José do Patrocínio, fundada em Pelotas, e a Liga Rio Branco que foi criada na cidade de Rio Grande<sup>37</sup>. Vale reforçar que essas competições existiam para que pudessem os jogadores negros atuar nos *fields* gaúchos, eram ligas exclusivas para atletas negros.

Esses exemplos supracitados que de diferentes formas os jogadores mestiços e negros acabaram se integrando ao futebol, e é claro que essa integração gerou conflitos. Não foi um movimento pacífico nem passivo, o negro foi um agente histórico e conquistou seu lugar nesse processo de democratização do futebol. Com o tempo a sociedade vai se modificando e havia gente pensando nas mudanças ocorridas, afinal nenhuma sociedade passa pelo tempo sem qualquer transformação. Surgiam os pensadores que buscavam interpretar e escrever uma história do Brasil, mas uma história diferente daquelas redigidas pelos membros do IHGB com uma mentalidade cravada nas perspectivas históricas do século XIX. A partir da década de 1930 surgia uma nova gama de pensadores que buscaram entender e escrever sobre o Brasil e suas transformações. Destacamos os trabalhos de Paulo Prado, Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado Jr. e, por último, mas não menos importante, Gilberto Freyre. E é sobre o sociólogo pernambucano onde iremos nos debruçar.

Muitas vezes causa certo impacto para leigos no assunto Futebol quando afirmamos que Gilberto Freyre possui relevância na história do futebol brasileiro com suas contribuições sociológicas. O que teria *Casa Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados & Mucambos* (1936) a nos ensinar sobre o futebol no Brasil? O esporte jogado em si, dentro das quatro linhas, não muito, mas na formulação da identidade do brasileiro, a questão do futebol ser uma forma de ascensão social do negro e do mulato na sociedade de seu tempo. O futebol foi uma ferramenta, na perspectiva freyreana, de diminuição da disparidade racial, além do estilo de jogo brasileiro que se utilizava da “ginga”, do “malandrismo”, dos movimentos corporais que imitavam movimentos de dança entre outras coisas. Freyre foi fundamental na construção do futebol arte brasileiro e quem ajudou a consolidar essa tradição foi seu amigo, Mário Filho. O

---

<sup>37</sup> Para maiores informações sobre o futebol gaúcho e a inserção de atletas negros ler o artigo do professor Gilmar Mascarenhas intitulado *Esporte e Mito na Democracia Racial no Brasil: Memórias de uma apartheid no futebol*, disponível em: <https://www.centroafrobogota.com/attachments/article/10/22097836-Esporte-e-Mito-Da-Democracia-Racial-No-Brasil.pdf> (acesso em 09/12/2022)

jornalista, grande cronista brasileiro, apropriou-se das teses do sociólogo, apropriação essa chamada por Antonio Jorge Soares de “freyrismo popular”, para pensar o jogador brasileiro, formular uma identidade desse jogador e também buscou sustentação teórica para consolidar seus argumentos na sua obra lançada em 1947, *O negro no futebol brasileiro*.

Não se pode desprezar o impacto intelectual dos escritos de Freyre nos intelectuais de seu tempo, muitas ideias suas consagradas marcam presença até os dias de hoje na imprensa esportiva. Quem pensou esse estilo de jogo “à moda brasileiro” foi o próprio Gilberto Freyre. Assim como os povos do rio da Prata tinham um estilo de jogo conhecido como *fútbol criollo*, o brasileiro resultado da “mistura entre raças” também teria um estilo seu. Freyre merece destaque pois foi o primeiro grande intelectual que encarou o esporte de forma séria, sociológica, não apenas como uma febre ou um modismo importado. O sociólogo buscava retratar diferentes temas presentes no cotidiano do brasileiro como a música, a capoeira e o próprio futebol. Segundo Denaldo de Souza:

Os trabalhos de Gilberto Freyre possibilitaram uma visão original do povo brasileiro. Neles, o negro, o índio e o colonizador português sempre tiveram fundamental importância na formação de uma sociedade ajustada às condições do meio tropical e economia latifundiária. A sua mensagem, de um Brasil anti-racista e democrático, representou um divisor de águas no processo cultural brasileiro, influenciando a ideologia oficial do Estado Novo ao compor a figura da democracia racial. (SOUZA, p.187, 2008)

E esse estilo de jogo descrito por Freyre em seus inúmeros textos era a síntese perfeita de uma sociedade miscigenada e harmoniosa, sem qualquer distinção entre as “raças”. O “futebol-arte” do brasileiro, uma tradição inventada, nasce a partir do sucesso internacional que a seleção obteve na Copa do Mundo de 1938. Um estilo de jogo que contrastava com o jogo dos europeus; eram antagônicos, pontos antípodas. Em um artigo de suma relevância, porém pouco destacado, escrito por Freyre no Diário de Pernambuco datado de 8 de junho de 1938, após a vitória contra a Tchecoslováquia, foi a semente desse estilo de jogo que seria visto como uma instituição brasileira. A Copa era a amostra das afirmações que Freyre vinha defendendo há algum tempo. A miscigenação não poderia ser algo negativo, como defendia Oliveira Vianna; a mestiçagem “integrou as raças” no Brasil, era algo para se ter orgulho. O jeito do brasileiro era resultado da integração do europeu com o indígena e o negro. Dessa mistura resulta em um ser que diverge do seu colonizador. Dessa mistura se originou um estilo de jogo. Para contrastar o jogo brasileiro com o europeu, o pensador se utiliza de referências da mitologia grega, o apolíneo versus o dionisíaco. A definição de jogo europeu seguia Apolo, era forte e robusto; o brasileiro era a representação de Dionísio, futebol festivo

e improvisado. O futebol pautado na força se digladiando com o jogo baseado na arte, na “ginga”. Segundo o sociólogo:

Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos desespistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para o psicólogo e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que afirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 17/06/1938)<sup>38</sup>

E esse jogador que atuava nos gramados da França pela seleção representava o Brasil, representava a imagem do país no cenário internacional. Imagem essa que Vargas tinha cuidado de preservar e de vender a propaganda de uma nação forte e disciplinada, que a herança colonialista eram águas passadas. O Estado brasileiro havia forjado a imagem de homem que buscava se equivaler ao europeu. Quem mais poderia ser esse exemplo? Leônidas da Silva, o “Diamante negro”? Não. Leônidas era indisciplinado, encenqueiro, rebelde. Não poderia servir de exemplo. Mas quem naquele escrete de 1938, composto por brancos, negros e mulatos, seria o rosto de Brasil que Freyre imaginava e que o Estado varguista buscou adotar com os anos? Domingos da Guia, o divino mestre. Segundo Souza:

Portanto, um jogador brasileiro que permitisse aflorar seu lado primitivo, rebelde e indisciplinado teria se tornado um problema para a sociedade. Leônidas da Silva certamente se enquadrava melhor nesse grupo. Para o seu gosto [de Freyre], Domingos da Guia era o jogador perfeito, aquele que melhor poderia simbolizar a nação: brasileiro, disciplinado, racional, trabalhador e negro. (SOUZA, p.191, 2008)

Essas qualidades supracitadas descritas e pensadas se encaixavam perfeitamente no modelo de sociedade a qual Vargas buscava vender para a população através de propagandas e de seu paternalismo. O homem brasileiro deveria ser pautado na disciplina e no trabalho, seguindo o exemplo de Domingos. Mário Filho também aderiu às ideias de Freyre, a aproximação entre os dois foi tão grande que ambos mais tarde o sociólogo pernambucano foi responsável por escrever o prefácio da obra *O negro no futebol brasileiro*. Inclusive nesse texto, escrito em 1947, há uma passagem que mostra como essa imagem criada por Freyre e a tradição inventada do Brasil como “país do Futebol” por Mário Filho se perpetuaram ao longo dos anos. Para Freyre:

O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios [...] um crítico da argúcia de Mário Filho pode dizer

<sup>38</sup> *Diário de Pernambuco: 17/06/1938.* Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033\\_11&pagfis=29324](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pagfis=29324)

que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura. (FREYRE, p.27, 1947).

E essa aproximação entre o sociólogo e o jornalista ficam nítidas quando se efetua a leitura de *O negro no futebol brasileiro*, a todo momento encontramos a influência da “democracia social” de Freyre, afinal para Mário Filho a libertação do negro na sociedade só havia se efetivado através do futebol. Ambos partilhavam uma visão de nação a ser construída. O herói descrito por Mário Filho na obra não é o filho da aristocracia brasileira. É resultado da presença das outras “raças” no Brasil. Na primeira edição de seu livro eram Leônidas e Domingos; na segunda eram Pelé e Garrincha.

É nesse período histórico nas décadas de 1930 e 1940 que o futebol passou a ser utilizado como uma ferramenta central na construção de uma identidade nacional. A ditadura varguista soube explorar muito bem o esporte como propaganda de Estado. A grande amostra futebolística dessa relação foi a Copa de 1938.

## **2.2 COPA DE 1938: O ESCRETE QUE TINHA ROSTO DE BRASIL**

Depois dos vexames nas edições de 1930 e 1934, o caminho deveria ser outro na terceira edição da Copa do Mundo de Futebol disputada na França em 1938, último grande evento esportivo que ocorreu antes de eclodir o conflito que abalaria o mundo entre 1939 até 1945. Vargas obteve os exemplos de Mussolini em 1934 na Itália e de Hitler nas Olimpíadas de Berlim em 1936 de como o Estado se utilizava do esporte como propaganda. O esporte era o agente responsável por vender um modelo de homem e um modelo de nação a ser construído.

Os conflitos entre amadores e profissionais haviam sido deixados de lado há alguns anos, as divergências entre paulistas e cariocas eram ser apaziguadas pelo Estado, afinal Vargas não queria que os regionalismos florescessem, pelo contrário, o Estado deveria ser cada vez mais centralizado, era o Brasil em primeiro lugar. A CBD jamais organizou preparativos com tamanha cautela para um evento esportivo como essa Copa. O técnico escolhido foi Adhemar Pimenta, essa era figura que guiaria os melhores atletas em território brasileiro nos grounds europeus. Esse selecionado não era composto somente por brancos. Era composto por Batatais, Domingos, Machado, Zezé, Procópio, Romeu, Lopes, Niginho, Patesko, Leônidas e companhia. Era uma seleção composta por atletas negros, mestiços e brancos. Era o rosto do Brasil que Freyre pensava e defendia. Era a conciliação entre as raças. Conciliação, palavra chave para se compreender o Estado Novo.

Além do Estado, a sociedade se mobilizou pela seleção. No famoso *Jornal dos Sports* era vendida a ideia de que “auxiliar o escrete é o dever de todo brasileiro”<sup>39</sup>. Pela primeira vez, além da cobertura jornalística pela via impressa, as poucas emissoras de rádio existentes na época transmitiriam os jogos. O Brasil enviou um representante que narraria as partidas do escrete nacional, a icônica figura de Gagliano Netto, o “Metralha”. Mais um exemplo de como a imprensa foi importante na difusão do esporte, que na época já estava consolidado como paixão nacional, além da utilização da imprensa como propagandista dos ideais do Estado Novo.

Vargas se mobilizou para apoiar a seleção, mesmo o futebol não sendo o seu esporte, e doou para a seleção 200 contos de réis. Antes de embarcar para o velho mundo, o presidente recomendou aos atletas retornarem para casa com o título na bagagem, seria importante para a imagem do país. Em 15 de maio, um pouco mais de mês antes da estreia contra a Polônia, a seleção desembarcou na Europa. Permaneceram alguns dias treinando na capital francesa antes de partir para Estrasburgo.

A estreia, dia 5 de julho, contra os poloneses foi dura. Dias antes da partida, o técnico do selecionado europeu afirmou que era impossível seu time ser derrotado pela equipe brasileira.<sup>40</sup> O jogo terminou empatado no tempo normal e partiu para o tempo extra. A partida contou com onze gols e um emblemático 6 x 5 dos brasileiros, nesse jogo surge a lenda do “gol descalço” de Leônidas. Esse havia parado para amarrar as chuteiras no meio do lamaçal, a bola sobrou de rebote e o atacante brasileiro enfiou o pé na bola marcando o tento para sua equipe. Os gols de Leônidas eram sublimes e suas atuações em campo deixavam o público europeu atônito. Para Galeano:

Leônidas fez muitos gols, que nunca contou. Alguns foram feitos do ar, os pés girando, a cabeça para baixo, de costas para o arco: foi muito hábil nas acrobacias da chilena, que os brasileiros chamam de bicicleta. Os gols de Leônidas eram tão lindos que até o goleiro vencido se levantava para felicitá-lo. (GALEANO, p.77, 2015)

Festa em território nacional. Então era possível uma seleção sul-americana, mestiça e subdesenvolvida, vencer de um selecionado europeu? Sim, era possível. Pelas grandes capitais do Brasil as manifestações nas ruas a favor da seleção deixavam as ruas fervorosas. Era um carnaval fora de época.

Dias depois a seleção brasileira enfrentaria os tchecos na cidade de Bordeaux. Jogo bastante truncado e houveram diversas reclamações por parte dos atletas brasileiros em

---

<sup>39</sup> *Jornal dos Sports*, 31 de março de 1938.

<sup>40</sup> *Jornal A Gazeta*, 4 de junho de 1938.

relação com a arbitragem. Os jogadores afirmavam que o juiz húngaro atuou com o objetivo de beneficiar os europeus em campo. Empate, um tento marcado para cada lado. Os jogadores brasileiros mais uma vez deveriam combater os tchecos em campo. 14 de junho era a data marcada para o desempate e o palco da batalha era o mesmo, o estádio Parc Lescure. Era hora de molhar a camiseta pela nação brasileira. Com gols de Roberto e do capitão da equipe, Leônidas, o Brasil vencia os tchecos pelo placar de 2 x 1. Mais de vinte mil pessoas assistiram na França a mais uma vitória do selecionado brasileiro.

A euforia tomou conta mais uma vez do Brasil, a seleção havia se classificado para a semifinal do torneio. O adversário? Os campeões do mundo, a Itália. Apesar da confiança em alta por parte dos brasileiros, o favoritismo italiano predominou em campo. Foi uma partida abarrotada de polêmicas, nesse jogo ocorreu a famosa “domingada”. Para Pereira e Lovisolo:

Durante uma paralisação do jogo, o atacante italiano Piola deu um pontapé em Domingos da Guia dentro da área brasileira. Irritado, o jogador brasileiro revidou, e o juiz, o suíço Hans Wüthrich, marcou pênalti. Meazza fez o gol que abriu a vantagem para a Itália. O Brasil acabou derrotado por 2 a 1. [...] Benito Mussolini, que ditava as regras da seleção e aproveitava as vitórias da equipe como se fossem suas. Após a vitória italiana sobre a seleção brasileira na semifinal, o jornal esportivo daquele país publicou a manchete “Inteligência branca italiana vence força bruta dos negros (PEREIRA e LOVISOLO, p.43, 2014)

Claro que a população, entusiasmada pelo excelente desempenho em território estrangeiro, ficou triste com o resultado negativo. O clima pós-derrota era de velório de um parente próximo, o desespero foi tanto entre aqueles que acompanhavam atônitos a partida que no dia posterior já exigiam a anulação do resultado. Pelo visto não aceitar resultados oficiais é uma tradição que infelizmente se perpetuou no país. Mas a trajetória não estava encerrada, a disputa pelo terceiro lugar foi vencida diante dos suecos por 4 x 2. Os brasileiros regressavam à sua terra natal praticamente como heróis. A participação e o bom resultado do Brasil na Copa transformou-se numa questão de Estado. Como afirma Morelli:

Por isso, referir-se à relação entre futebol e “nação”, naquela oportunidade [Copa de 1938], demanda a ênfase na construção de identidades em torno da seleção brasileira, na consideração de antagonismos que se apresentaram em diferentes sentidos de “Brasil” (construção simbólica) expressos nas manifestações de figuras do Estado Novo, dos profissionais da imprensa esportiva, e dos torcedores que se encontravam envolvidos naquela campanha. (MORELI, p.194, 2010)

Para o governo de Vargas o terceiro lugar foi um resultado bastante proveitoso, os jogadores foram recepcionados em solo nacional como verdadeiros heróis e desfilaram pelas capitais do Brasil. Para Vargas o importante era ver a euforia tomando conta do povo, independente da cor, estes viviam em “harmonia” por conta do sucesso internacional obtido.

Esse nacionalismo era motivo de orgulho para os defensores do Estado, era necessário incentivar essa paixão.

Mas uma pergunta me perseguiu ao longo deste estudo. Essa euforia das mídias estava presente apenas nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador? Como ficariam as cidades menores onde a tradição do esporte não era tão vigente? Para analisar esse caso, nos debruçamos sobre como o jornal *A Gazeta* de Florianópolis cobriu a participação da seleção na Copa do Mundo de 1938.

### **2.3 A COPA DE 1938 ATRAVÉS DO JORNAL "A GAZETA"**

O jornal *A Gazeta* foi um importante veículo impresso que circulou na cidade de Florianópolis a partir de 1934. Não há muitas informações disponíveis de forma online sobre a história do jornal, porém sabemos que ele não tinha a mesma proporção do famoso *O Estado*, jornal de maior circulação na cidade. Todavia, minha dúvida era se os jornais menos conhecidos buscavam reproduzir os discursos do Estado Novo e que imagem de povo brasileiro era construída nessas mídias impressas. O jornal *A Gazeta* merece destaque pois no seu edital diário havia uma parte dedicada apenas para os esportes. O jornal era conhecido por ser a voz da população local sem qualquer vínculo político, entretanto ao analisar as colunas diárias do jornalista Osmar Cunha, responsável por redigir os textos da chamada *Gazeta Desportiva*, encontrávamos ali um nacionalismo exacerbado. Pairava sobre os textos de Osmar o espírito do Estado Novo.

Não há tanto material disponível sobre esse tema quando se estuda a história de Santa Catarina, o material envolvendo história e futebol produzido na região, em sua maioria, gira em torno da história dos clubes locais. Meu objetivo era analisar o discurso da imprensa em difundir os ideais de Brasil que o governo Vargas queria inculcar na população.

Foi feita uma análise de fontes, levantei os textos desde o início do mês do mundial até o pós-eliminação da competição. Diferente do seu concorrente, *O Estado*, *A Gazeta* em dia de jogo dedicava uma atenção maior para o evento. Os textos chamam atenção, as partidas eram descritas em detalhes, as ações dos atletas, os floreios, passes e chutes. Será que Mário Filho influenciou Osmar Cunha em seus textos? Essa é uma dúvida para a qual não possuo resposta. E, é claro, a defesa absoluta do Brasil marca presença nas linhas escritas pelo jornalista. Como por exemplo no empate com os tchecos, Osmar escreveu assim:

Os brasileiros em Bordeaux venceram, moralmente, os tchecos, empatando de 1 a 1[...] Ao início do 2 tempo, o juiz aplica, sem nenhum motivo, pena máxima aos brasileiros, conseguindo, deste modo, os checos marcarem seu primeiro. Em meio de

brutalidades da parte dos checos, apenas com 8 jogadores, sob a mais indecorosa parcialidade do juiz, continua o jogo até o final do segundo tempo, para repetir-se na primeira e segunda prorrogação com o "score" de 1 a 1. (A Gazeta, 14 de junho de 1938)

E os textos, dia após dia, cobrem as ações da seleção em terras francesas. Não era somente no “eixo” Rio-São Paulo que havia interesse em futebol e na seleção, na ilha de Florianópolis o esporte tornava-se uma febre cada vez maior. É importante dar destaque para o papel das crônicas de Osmar Cunha, pois estes escritos eram o elo de conexão da seleção que jogava na Europa com aqueles que os acompanhavam em terras distantes. Percebe-se nos textos uma tentativa de aproximação entre o povo e a seleção, como se aqueles que disputam o mundial fossem “um dos nossos”, molha a camisa em campo pela gente. O exagero na escrita também era uma característica dos textos de Cunha, muitas vezes sua caneta pesava quando narrava as ações dos “nossos patrícios”, apelido que o autor adorava utilizar ao falar dos atletas brasileiros. O jornalista também escreve que após a vitória contra os poloneses, no dia 7 de junho, a esposa de Vargas, dona Alzira, enviou um telegrama aos seus “afilhados” que disputavam a Copa afirmando que depositava toda sua confiança nos atletas. Relatos como esse descritos nos jornais também era uma forma de aproximar a seleção do governo varguista, mostrar como os governantes estavam próximos de seus representantes e do seu povo.

Curiosa também é a perspectiva do colunista frente aos adversários brasileiros. Vezes escrevia de forma respeitosa, oras escrevia como nacionalista fervoroso. Após o violento jogo contra a seleção vice-campeã do mundo em 1934, a Tchecoslováquia, na famosa batalha de Bordeaux, escrevia o jornalista “Os brasileiros em Bordeaux venceram, moralmente, os brasileiros, empatando de 1 a 1” (A Gazeta, 14 de junho de 1938), pois para o mesmo o juiz havia manipulado o resultado da partida, atuando parcialmente para o lado dos tchecos. Nota-se que, na verdade, quem atua de forma parcial nos textos é o próprio autor.

As colunas redigidas por Osmar Cunha também buscavam aproximar regiões distantes do território nacional. Relatava a reação dos torcedores de diferentes pontos urbanos brasileiros, trazia reações da capital do país, trazia também a distante baía de todos os santos, Salvador e a euforia que tomava conta das ruas da cidade. O jornalista relata que na capital baiana houve gente que passou mal nas ruas após o relato da vitória brasileira diante dos adversários europeus.

Todavia seu texto após a eliminação me saltou aos olhos. Lá estava a imagem de povo que o jornal, e seu redator, almejavam passar. No texto escrito dia 18 de junho de 1938 dizia o seguinte:

Nunca, talvez, o Brasil se tornou de tanta angústia e expectativa como no prêmio de ante-ontem em Marselha. E, sem vacilar diremos que êsse movimento foi o maior dos últimos tempos, pois conseguiu envolver nêle 45 milhões de brasileiros ansiosos, todos, pelo triunfo daquele pugilo de bravos que, lá na histórica França, traçava nos anais despotivos do mundo, mais um feito épico a ser contado no porvir. Esses bravos eram, sim e antes de tudo, a definição de um povo que se afirma, de um povo que luta, de um povo que desperta! Era a própria raça que se impunha nos campos da França, aos olhos do mundo. Era o Brasil que deixou de ser uma lenda, no cérebro, eucanecido pelos seculos dos homens da velha Europa. Era a nossa querida Pátria que deixou de ser um gigante adormecido.[...] (A Gazeta, 18 de junho de 1938)

Era o Brasil, nação miscigenada, que triunfou pelos gramados europeus e levou ao êxtase mais de 40 milhões de fanáticos. Como mesmo afirmou o jornalista, a façanha do selecionado brasileiro era o resultado de um povo que buscava se afirmar no cenário internacional. Um povo que não queria mais ser visto como retrato do atraso e do subdesenvolvimento, um povo que buscava se afirmar dentro e fora dos campos. Era o gigante adormecido que despertava de um longo sono e mostrava para o mundo que o negro e o mulato também podem integrar uma sociedade “moderna” e “civilizada” sem qualquer atraso ou deficiência quando comparada com as nações europeias.

Um jornal de modesta circulação propagava por Florianópolis um modelo de país, um modelo de povo. Os ideais do Estado Novo marcaram presença também nessa terra e buscou utilizar do futebol e da imprensa como meios de difundir sua ideologia. O jornal existiu até a década de 1980 quando Callado veio a falecer e sua companheira, anos depois, vendeu *A Gazeta* para o grupo que detinha *O Estado*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou explorar as diferentes formas como o futebol se relaciona com a sociedade. Minha proposta é demonstrar como o futebol não pode ser visto como um mero esporte de vinte duas pessoas correndo atrás de uma bola em busca da glória eterna, ele representa muito mais. Há décadas intelectuais de primeiro nível no Brasil buscam pensar o país através do futebol. Os estudos sobre essa temática devem ser levados mais a sério. E quando afirmam que não há gente estudando a sério o Futebol, a lista de intelectuais preocupados em entender o esporte como esse relevante fenômeno cultural e todos os tentáculos que o cercam, buscando estender relações com a História e outras áreas do conhecimento.

Recordo quando fui apresentar um trabalho sobre História Social do Futebol em uma Semana Acadêmica do curso de História, o público ficou incrédulo quando afirmei que se

utilizaria de Gilberto Freyre para falar sobre o esporte e sua relevância para a construção de uma identidade nacional. Afinal, um país que desde sua independência buscou uma unidade, buscou formular uma nação, encontrou como um excelente meio aglutinador o futebol. É importante destacar que diversos foram os atores que participaram dessa construção de identidade nacional se utilizando do futebol, a imprensa, o Estado Novo e seus ideólogos.

O futebol não se resume ao campo, aos pesquisadores do assunto interessa muito mais o entorno, o que acontece na volta do que a própria partida. Estudar a História social do futebol é falar de cultura, sociedade, identidade, racismo, xenofobia, nacionalismo entre outros assuntos. O futebol jamais será apenas um mero esporte. E como afirma de forma coerente o escritor Nelson Rodrigues, quando o Brasil entra em campo para disputar uma partida de futebol, a pátria “veste as chuteiras”.

A preocupação em utilizar um jornal de Florianópolis como fonte era perceber que o discurso varguista não estava presente apenas no eixo “Rio-São Paulo”, e que a Copa do Mundo também era um assunto que estava tomando cada vez mais conta das ruas dos centros urbanos deste país.

Um adendo: é claro que a ideia de sociedade harmoniosa e o tal “foot-ball mulato” defendido por Freyre e propagado por Mário Filho sofreria um duríssimo golpe no episódio do Maracanazo em 1950, entretanto essa conversa fica para uma outra partida.

## REFERÊNCIAS

*Fontes primárias:*

### **Crônicas de Osmar Cunha no Jornal “A Gazeta” de Florianópolis no mês de junho:**

CUNHA, Osmar. Um apelo. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 6-8. 01 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381163.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. Grande expectativa pelo jogo Brasil x Polônia. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 2-2. 02 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381164.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. Já foram vendidos 120 mil francos de ingressos para o jogo Brasil - Polônia. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 7-7. 03 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381165.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. O Brasil no Campeonato do Mundo. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 6-6. 04 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381166.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. Brasil x Polônia. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 6-6. 05 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381167.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. Vitoriosos! Gloriosos! Triunfadores! **A Gazeta**. Florianópolis, p. 6-6. 07 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381168.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. Gerais elogios envolvendo atuação de Leonidas. **A Gazeta**. Florianópolis, p.7-7. 08 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381169.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. Mil francos para cada jogador. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 6-6. 09 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381170.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. É fraca a defesa brasileira. **A Gazeta**. 4, p. 6-6. 11 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381172.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. Brasil x Tcheco-Slovaquia. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 6-6. 12 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381174.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. Brasil x Tcheco-Slovaquia. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 6-6. 14 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381174.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. Venceu o Brasil por 2X1. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 5-5. 15 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381175.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. Brasil x Itália. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 6-6. 16 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381176.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

\_\_\_\_\_. O primeiro revéz do selecionado brasileiro. **A Gazeta**. Florianópolis, p. 3-3. 18 jun. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1938/GAZ19381177.pdf>. Acesso em: 02 maio de 2022.

FREYRE, Gilberto. “**Prefácio**”, in RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

### Referências secundárias

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, Fátima M.R.F. **O futebol nas fábricas**. Revista USP, São Paulo: n. 22, 1994, p. 102-109.

ARNT, Hérís. **Uma leitura simbólica do futebol**. Pesquisa de Campo, Rio de Janeiro: n. 3-4, 1996, p. 29-36

CAPELATO, Maria H. “Propaganda política e controle dos meios de comunicação” in PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 167-178.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. 6. ed. São Paulo: Unesp, 1999. 492 p.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Estado Novo e Esporte**: uma análise comparada dos usos políticos do esporte nos regimes de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945). 2013. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola**: ensaios sobre futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007..

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; FRAGA, Gérson Wasen; STÉDILE, Miguel Enrique; QUINSANI, Rafael Hansen (org.). **À sombra das chuteiras meridionais: uma história social do futebol e outras coisas**. Porto Alegre: Fi, 2021. 641 p.

HELAL, Ronaldo George; MOSTARO, Filipe. **Foot-ball Mulato e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da copa de 1938**. *Alceu*, [S.L.], v. 18, n. 37, p. 16-35, 10 dez. 2018. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.46391/alceu.v19.ed37.2018.90> . Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/90> . Acesso em: 12 maio 2022.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 229 p.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **Aquém e Além de O negro no futebol brasileiro: uma releitura da obra do jornalista esportivo mario filho entre os anos 1940 e 1960**. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 2, n. 69, p. 188-219, jul. 2021.

MACHADO, Felipe Morelli. **Bola na rede e o povo nas ruas! Estado novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938: o futebol construindo a “nação”**. *Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014. 257 p.

SANTOS, Theotônio dos. **Evolução Histórica do Brasil: da colônia à crise da nova república**. Petrópolis: Vozes, 1995. 305 p.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1966. 617p.

SILVA, Eliazar João da. **A seleção brasileira nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos de identidade nacional**. 2004. 333 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Unesp, Assis, 2004.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: Releitura da história oficial**. 1998. 336 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do Futebol**. Campinas: Unicampi, 2000. p. 272.

PEREIRA, Leonardo. **Foot-ball mania**.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 235 p.